

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290005488



FE

TCC/UNICAMP C27e

SILVIA REGINA CASON

O ENSINO MÚTUO: UMA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA DO SÉCULO

XIX

PREZADO LEITOR

Ao retirar o material bibliográfico, você se torna responsável por ele. Esperamos que faça bom uso e que tenha cuidado pois se houver qualquer dano (rabisco, recorte, etc.) ou extravio do mesmo, você será o responsável pela reposição.

A DIREÇÃO

CAMPINAS/2011

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

001132656

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SILVIA REGINA CASON

**O ENSINO MÚTUO: UMA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA DO SÉCULO
XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de
Educação – UNICAMP, sob orientação da prof.
Dr^a. Maria Cristina Menezes.

CAMPINAS/2011

UNICAMP - UFRB BIBLIOTECA

UNIDADE: ...FE.....
CHAMADA: <u>FEEL Uniamop</u> <u>C27e</u>
V: EX:
Tombo: <u>5488</u>
PROC.: <u>130114</u>
C: D: <u>X</u>
PREÇO: <u>11,00</u>
DATA: <u>14/09/11</u>
COD. BIB: <u>1005242</u>

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

C27e

Cason, Silvia Regina.

O ensino mútuo: uma inovação pedagógica do século XIX / Silvia Regina Cason. -- Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientadora: Maria Cristina Menezes.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Métodos de ensino. 2. Sistema monitorial de educação. 3. Castigo. I. Menezes, Maria Cristina. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

11-028-BFE

Agradecimentos

À professora Dr^a. Maria Cristina Menezes, pela confiança, pelo respeito e apoio irrestrito ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

À Silvana Cason, por me despertar para o caminho que eu queria seguir, e por dar, comigo, muitos passos nele.

Aos amigos especiais, que sempre me sustentaram em todas as dificuldades, cujos nomes são indispensáveis citar, mas que cada um sabe de sua importância aqui.

À professora Dr^a. Sylvia Bueno Terzi, coordenadora do AlfaSol/Unicamp, por ter entendido e respeitado meus horários de aula/estudo durante os anos em que trabalhei no Programa; por tudo que me ensinou e ensina sobre Letramento; por todas as viagens à região nordeste; e por se tornar, a cada dia, uma referência para mim...

Aos meus queridos Antonio Martins e Malu Cestari, pelo carinho e apoio constante em cada momento de todos esses momentos.

Aos meus familiares pela tentativa de entender as constantes ausências, as crises de ansiedade e nervosismo e a falta de atenção e dedicação. Em especial aos meninos Felipe, Brenno e Pedro que não vi crescerem, porque precisava estudar.

À minha amiga Nora Sakamoto e sua equipe, pelos encontros de toda semana, sempre envolvidos em muita luz, repletos de ensinamentos.

Às funcionárias da Coordenação da Faculdade de Educação, Tereza, Marta e Luciane, por sempre atenderem as minhas solicitações com profissionalismo, atenção e simpatia.

À Monique Bianchini, pelo apoio e amizade desde o primeiro dia do curso à finalização deste trabalho e a Carolina Nozella por todas as lições de simplicidade.

Aos professores: Ana Aragão, Bete de Aguiar Pereira, Bete Baroli, Regina de Sousa, Joaquim Brasil, Ana Archângelo, Lúcia Alves, Silvia Poblete, Maria Riera, e *Romilda Mochiuti* pelo agradável tempo de nossa convivência e pelo legado que deixam em minha vida.

Por último, e não menos importante, mas acima de tudo, a Deus por me permitir vivenciar todas essas experiências.

Dedicatória

*Aos meus queridos Antonio Martins e Malu Cestari
por serem e fazerem parte de tudo isso.*

Resumo

O propósito deste trabalho é abordar o método monitorial/mútuo, no início do século XIX, no Brasil, de forma a levantar o que de mais importante foi compreendido em algumas das literaturas que dele se ocupam. Dessa forma, contextualizamos os métodos que o antecederam, como a sala de aula foi se desenvolvendo ao longo dos tempos, e descrevemos os modos de castigos lancasterianos, considerados como formas de humilhações e não como castigos físicos. Por último, dedicamos um estudo sobre as conferências do Barão Degerando para a formação dos professores de primeiras letras, pelo systema de ensino mútuo.

Palavras-chave: método monitorial/mútuo, castigos lancasterianos, conferências do Barão Degerando.

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	03
<i>Dedicatória</i>	04
<i>Resumo</i>	05
Introdução	07
1. Contextualizando e compreendendo os métodos que antecederam ao método monitorial/mútuo	08
1.1. A sala de aula se articula como um espaço e um caminho para o ensino elementar	08
1.2. O ensino militar e o pastorado como opções de ensino	10
1.3. O método grupal de Comenio na sala de aula	10
1.4. A atenção a cada indivíduo na sala de aula – o método dos Jesuítas	12
1.5. La Salle e o método global na escola elementar	12
1.6. A sala de aula se desenvolve – Revolução Industrial	14
1.7. A escola prussiana consolida a sala de aula global	15
1.8. Sala de aula global x ensino mútuo	16
2. A pedagogia nas escolas mútuas no século XIX	24
2.1. Método individual, simultâneo e o ensino mútuo	24
3. Castigos lancasterianos	29
3.1. Instrumentos e modos de castigos lancasterianos	29
4. A formação de professores para o ensino mútuo no Brasil	32
4.1. O curso normal para professores de primeiras letras do Barão Degerando	32
5. Considerações finais	66
6. Bibliografia	67
6.1. Referências bibliográficas	67
7. Anexos	69

Introdução

O presente trabalho trata-se de um estudo sobre o método de ensino monitorial/mútuo com suas inovações técnicas e instrumentais que marcaram e definiram as práticas pedagógicas no início do século XIX no Brasil.

Traçamos um panorama contextual da constituição da sala de aula, os métodos que foram sendo utilizados nesse percurso. Abordando os temas a partir das contribuições dos textos lidos.

O trabalho é uma síntese, dos conteúdos mencionados, não ambicionando, uma completa e aprofundada análise.

A idéia principal é abordar o método monitorial/mútuo, descrito nos manuais pedagógicos: *Systema Britânico de Educação* Sendo um completo tratado de melhoramentos e invenções praticadas por José Lancaster e o *Curso Normal para Professores de primeiras letras ou Direções Relativas a Educação Physica, Moral e Intelectual, nas Escolas Primárias, pelo Barão Degerando*, e em outras literaturas que dele se ocupam, de forma a levantar o que de mais importante foi compreendido.

No capítulo I apresentamos uma contextualização dos métodos que antecederam o método monitorial, tais como, o ensino militar e o pastorado, o método grupal de Comenio, o método dos Jesuítas, entre outros; de que maneira, a partir das Revoluções do século XVIII, a sala de aula foi se desenvolvendo; e os contrastes entre a sala de aula global e o ensino mútuo.

No capítulo II vimos um pouco dos métodos individual, simultâneo e mútuo.

No capítulo III apresentamos os modos de castigos lancasterianos, ainda que não fossem considerados castigos físicos, mas somente como formas de humilhações. - No Brasil, não se publicou o *Manual do Lancaster*, na íntegra, apenas um livreto com o capítulo desse manual que trata dos castigos. Foi publicado por uma gráfica de Ouro Preto em 1829.

No capítulo IV dedicamos um estudo sobre as conferências do Barão Degerando para a formação dos professores de primeiras letras.

Aguardamos com o presente estudo contribuir para outros trabalhos, e elucidar aos futuros educadores alguns aspectos da discussão metodológica que fertilizou a educação no processo de escolarização que a configurou.

1. Contextualizando e compreendendo os métodos que antecederam ao método monitorial/mútuo

1.1. A sala de aula se articula como um espaço e um caminho para o ensino elementar

Na Idade Média e início da Modernidade, conteúdos como ler, escrever, contar ou fazer operações deveriam ser as principais tarefas da escola elementar, básica ou primária. Segundo o historiador Phillippe Ariès,

“esses conhecimentos empíricos elementares não eram objeto do ensino escolar, apenas eram ensinados no interior das famílias ou simplesmente faziam parte da aprendizagem de algum ofício, transmitido de forma particular” (Ariès, 1996, p. 226, apud Dussel & Caruso, 2003, p. 47).

A escola elementar, de nível primário, ainda não existia nessa época, com esse conceito. Trata-se de uma invenção moderna. As escolas existiam em relação a outras funções da cultura. Assim, a escolarização estava ligada à teologia e a formação dos eclesiásticos. Razão pela qual não era reclamada em benefício de todos. A escola elementar foi sendo induzida por processos sociais, políticos e culturais amplos.

A consciência (demonstrada por Ariès) de que a criança precisava de um espaço específico para sua educação promoveu a lenta formação das salas de aula de acordo com a idade dos alunos. Na Idade Média, o ensino era orientado para os ofícios e destinado aos aprendizes. Devido ao fato de que a infância ainda não existia como uma identidade própria, que requeria tratamento particular.

Nos séculos XV e XVI uma nova era social se consolidou caracterizada por um processo crescente de urbanização, pela estruturação territorial dos estados, as monarquias (concentração de poder em estruturas centralizadas) e o advento de novas formas do saber científico. Esses fenômenos ocorreram simultaneamente ao descobrimento da América em 1492.

Em 1517 Martinho Lutero ao formular as 95 teses, contra as práticas e crenças divulgadas pela igreja, possibilitou e participou do início de grandes transformações. As demandas dos protestantes - no movimento da reforma, centravam-se na solicitação de novas formas de autoridade religiosa. Lutero criticava a prática da confissão –

absolvição da igreja católica. Para ele o mais importante era não pecar, ao invés da absolvição. Para evitar o pecado, Lutero conclamou seus seguidores a se converterem em supervisores de suas próprias consciências e de suas boas ações. Esta forma de autoridade buscava substituir a autoridade da igreja que era exterior pela consciência interior de cada indivíduo, e teve grande aceitação em vários países europeus.

Lutero em suas pregações doutrinárias enfatizava a importância da leitura da bíblia como a melhor maneira do crente se ligar à divindade. A Bíblia foi traduzida do latim para a língua vulgar – o alemão – para garantir essas aprendizagens.

“Isso deu a confissão luterana ou protestante um argumento central para tentar desenvolver maciçamente uma nova instituição: a escola elementar” (Dussel & Caruso, 2003, p. 58).

O documento: “Aos Alcaldes e intendentos de todas as cidades sobre o dever de fundar e manter escolas cristãs”, escrito por Lutero solicitava apoio material e político para a criação de estabelecimentos para ensinar o alemão, a Bíblia e a palavra divina. Dessa forma, naquele momento,

“Ensinava-se a ler, mas não a escrever; a escrita estava reservada às escolas superiores” (Dussel & Caruso, 2003, p. 58).

Outra questão que merece destaque nesse momento, refere-se à mulher. Valorizou-se amplamente que elas fossem instruídas, para melhor educarem seus filhos dentro da fé cristã. Fato este que elevou relativamente o número de mulheres alfabetizadas nos países protestantes. O protestantismo de modo geral, impulsionou a escolarização, e, em particular, a pedagogia. Tendências como as dos Calvinistas buscaram criar uma sociedade que fosse a imagem e semelhança das estruturas cristãs. Prescreviam ordem e disciplina rigorosas, parâmetros que foram estruturando a escola e adotaram também termos como aula e método na pedagogia. Os Calvinistas pregavam que a Igreja devia impor uma disciplina a seus fiéis, determinada pelo cumprimento das sagradas escrituras. Por outro lado, no ano de 1534 a igreja católica ao reagir a Reforma promovida por Lutero, no âmbito da Contra- Reforma, apoiará a formação de novas ordens, nesse contexto surge a Companhia de Jesus – chamada pelos seus oponentes de Jesuítas. Como característica específica, os Jesuítas tinham a obediência ao Papa. Foram fundadores de colégios e universidades que se espalharam pela Europa. Para os Jesuítas

não bastava pregar, catequizar e confessar, a verdadeira dominação se daria pela educação dos jovens.

Assim sendo, ambas as igrejas, uma ameaçada pela existência da outra, perceberam que para governar os fiéis, era necessário um processo de afirmação de atitudes e idéias, perfeitamente possível pela escolarização.

A sala de aula, como espaço particular, só se delineou no final da Idade Média. Entretanto, o que se desenvolveria em seu interior, ainda estava para ser definido. Como ensinar a uma tropa de alunos era a grande questão da pedagogia para a época.

1.2. O ensino militar e o pastorado como opções de ensino

Um modelo de ensino disponível para tal ensejo foi o militar. Embora esse modelo de militarização não fosse o único, acabou sendo a forma escolhida para a educação dos alunos. Outro modelo de como governar um grupo estava sendo organizado pelas tradições religiosas: o pastorado, cujo propósito, visava atingir a salvação dos homens, a partir da consciência. Este objetivo exigia obediência absoluta de cada participante do rebanho. Assim, os primeiros passos da sala de aula vão sendo dados através do modelo do poder pastoral, visto que, o “universo religioso constituía o reservatório da cultura letrada, e era natural que se recorresse às tecnologias disponíveis à época para a transmissão do saber” (Dussel & Caruso, 2003).

1.3. O método grupal de Comenio na sala de aula

No método grupal um professor dirigia-se a um grupo de alunos e organizava centralmente a situação de aprendizagem.

Jan Amós Comenio preocupou-se com a universalização da mensagem divina, com a leitura da Bíblia e a moralização das massas. Escreveu a Didática Magna em 1632, no campo da pedagogia, no qual se estruturou a sala de aula moderna. O método para ensinar e aprender baseava-se no ensino da natureza. Sendo que, nada havia sem uma base ou sem uma raiz. Assim, as raízes do ensino-aprendizagem, ancoravam-se na capacidade do docente tornar dóceis e atentos seus alunos, observar seus gostos e suas vontades para educar seu entendimento e sua memória.

Para Comenio o homem não constituía o centro da aprendizagem, para ele importava a ordem divina. Educar era algo complexo que exigia conhecimento das

regras do método e a disposição para aplicá-las. Comenio a desenvolveu para o ensino elementar.

Como programa do futuro, Comenio enunciou a chamada sala de aula que hoje chamamos tradicional: que tem o professor como figura central e que expõe para os alunos, que escutam e obedecem. Entretanto, como conseguir que os alunos prestassem efetivamente atenção se apresentava como problema nesta proposta, e produziu o tema da motivação-atenção como objeto de preocupação da pedagogia. As orientações que Comenio deu em resposta a esta questão, apontavam para a necessidade de preparar o espírito dos alunos ao empreender qualquer estudo, e formulou 10 princípios para garantir que a mensagem docente os atingisse: era preciso começar cedo, antes que o espírito fosse corrompido; preparar o espírito antes de atuar; proceder do geral para o particular; sempre do mais fácil para o mais difícil; nunca pressionar o aluno; os procedimentos deviam transcorrer sem pressa; nunca obrigar o aluno ao que não fosse conveniente para a idade e para a lógica do método; ensinar pelos sentidos atuais; para que fosse aplicado logo em seguida; por método único de forma constante.

A sala de aula proposta por Comenio no método global tinha a mesma configuração da missa: uma autoridade central falava ao rebanho ou grupo, sentados à sua frente. Assim como a frequência regular a missa, era importante, para a aceitação da pregação, a regularidade do ensino cotidiano, que asseguraria aos que escutavam uma participação da cena constante, mediante conteúdos diversos. A este respeito Comenio recomendava que tudo fosse ensinado, exposto por meio de demonstração sensorial e racional, ou seja, devia-se conhecer e investigar as próprias coisas e não as observações dos outros sobre elas.

Quanto à obediência, Comenio, interessava-se pela obediência pensada, alcançada por meio da compreensão. Dispensava-se uma inspeção individual constante, que verificasse se cada aluno tinha seus livros limpos, se fazia suas tarefas com seriedade, ou memorizava detalhes. O importante era que as almas estivessem conforme a natureza divina. Neste sentido, apresentava-se a condução grupal como técnica escolar adequada a disciplinar as crianças. O programa pedagógico de Comenio discutido na Didática Magna não chegou a se concretizar completamente. De maneira geral, o que prevaleceu nas escolas protestantes e católicas foi a “memorização simples”.

Dois séculos depois, a generalização do método global – frontal era uma grande inovação.

1.4. A atenção a cada indivíduo na sala de aula – o método dos Jesuítas

Para os Jesuítas a educação foi uma das tarefas prediletas. Assim, em sua pedagogia imaginaram uma sala de aula diferente da proposta por Comenio. O *Ratio Studiorum* – foi uma regulamentação de estudos, na qual se materializou a pedagogia jesuítica cuja validade era para todas as escolas da ordem em todo o mundo. A versão definitiva foi sancionada em 1599 e vigorou até 1832 - quando recebeu pequenas modificações. A sala de aula jesuíta era um espaço em que se falava o latim, o grego e a religião. Enfatizando a questão da atenção individual – com derivação provável da prática católica de confissão e absolvição. Uma das dificuldades desse método era o grande número de alunos na sala de aula, variando entre 200 e 300 alunos. Os Jesuítas esforçaram-se por criar um método de ensino capaz de conservar não só a individualidade de cada aluno, como também com a educação das massas. Para esse fim, criaram um processo de emulação, no qual a figura dos decuriões era fundamental para que os alunos estivessem sempre motivados.

Entre Comenio e os Jesuítas as diferenças foram: na pedagogia jesuíta o aluno respondia e obedecia como indivíduo. Em Comenio o momento da obediência era coletivo. Todos ouviam a um só tempo as mesmas coisas, de forma a produzir efeitos semelhantes entre todos os indivíduos. No caso dos jesuítas, o sistema de vigilância sobre a obediência estava mais desenvolvido. A maneira como cada aluno era convocado, no momento de obedecer, não estava ligada ao desenvolvimento das capacidades e dos gostos destes.

Foram também os Jesuítas que introduziram a utilização das notas escolares que incentivavam a competição entre os alunos, e implicando no contínuo envolvimento destes.

1.5. La Salle e o método global na escola elementar

No final do século XVII o cura francês Juan Bautista de La Salle (1651-1719) fundou a escola para pobres, orientada para a educação elementar. Escreveu o manual “A conduta das escolas cristãs” para os professores de sua ordem e que se transformou no texto de orientação da pedagogia elementar. A obra publicada em 1720 incluía três partes: 1 - detalhava os procedimentos que se dariam desde a abertura até o fechamento

da escola; 2 - falava dos meios necessários para obter a disciplina na sala de aula; 3 - definia critérios para a formação de professores e também para a inspeção das escolas.

La Salle adotou o Método Global em suas escolas e desenvolveu a pedagogia do detalhe, no qual, cada ação, ainda por insignificante que parecesse, era submetida à atenção e influência do docente. O controle dos mínimos detalhes da vida e do corpo eram as características constantes e reguladoras na sala de aula, pois permitiam que se detectassem as condutas transgressoras dos alunos e garantiam a exclusividade de controle sobre o assunto a ser tratado, e quem poderia falar com o professor.

O método lassaleano inovou adotando a língua materna como primeira língua ao invés do latim para o ensino da religião e das primeiras letras. Assim, dizia-se que a leitura do francês preparava para a leitura do latim, o que não acontecia se invertesse a ordem das línguas: latim - francês.

A partir desse momento, as experiências escolares elementares se realizaram nas línguas maternas que se tornaram idiomas nacionais em muitos estados e o latim passou a ser conteúdo da educação de nível superior.

O manual “A conduta das escolas cristãs” de La Salle ampliou as formas disciplinizadoras e individualizadoras dos Jesuítas, para exercer uma melhor vigilância sobre o corpo infantil e docente; estipulava que os alunos ficassem sempre sentados para ler a tabela do alfabeto e a sílaba, manter os pés firmes no chão e o corpo ereto; e deveriam, ao lerem as sílabas, manter os braços cruzados; deveriam ainda, segurar os livros com as duas mãos, enquanto os estivessem lendo; e manter o olhar voltado para frente.

Algumas táticas jesuíticas foram adotadas por La Salle, como a distribuição espacial dos alunos, ou a localização, que determinava, de acordo com as notas, méritos e progresso, onde o aluno deveria sentar. Os Jesuítas a utilizavam para manter a competição, entretanto, para La Salle esses lugares eram fixos e separava os alunos levianos e relaxados dos sensatos e sossegados.

Esse sistema possibilitou ao docente reconhecer onde estava situado cada um e por qual razão, mesmo que a classe chegasse a ter 100 alunos. Dessa forma, o docente podia ter áreas mais preocupantes, que requeriam mais dedicação e atenção, e áreas mais livres de preocupação.

A proposta de La Salle trouxe equilíbrio entre o método global e a individualização, ao atender as demandas de uma sociedade com estratos definidos, em que importava a obediência como grupo, a moralização e a disciplina. Sobre a

disciplina, tanto os jesuítas quanto La Salle, deixaram claro que o que se devia castigar era a alma e não o corpo.

A sala de aula foi se constituindo por ações disciplinares, por técnicas aplicadas ao corpo, para domesticá-lo, e assim, conseguir efeitos na alma. Ser observado, sentar e permanecer quieto em determinado lugar, indicar como sentar corretamente, imposição para escrever com a mão direita, etc. são técnicas que foram sendo aplicadas ao corpo, que acabaram sendo internalizadas e se tornaram naturais para nós.

Por meio da escola elementar, o pastorado foi se integrando cada vez mais a vida das pessoas; a pedagogia dos Jesuítas acentuava a relação individual como forma de condução das massas; La Salle conseguiu combinar a obediência grupal e a individual, priorizando o método grupal.

1.6. A sala de aula se desenvolve - Revolução Industrial

No final do século XVIII as transformações das sociedades européias possibilitaram as condições de crescimento da sala de aula. A Revolução Industrial que ocorreu na Inglaterra entre os anos de 1760-1780 representou a primeira mudança importante. Marcada pelo novo tipo de produção, centralizada nas fábricas, sobretudo as têxteis, que substituíram as antigas formas artesanais de produção. Este fato foi que desenvolveu novas e inéditas relações sociais, fazendo surgir novas identidades, como a de capitalistas e operários.

A indústria nascente necessitava de mão de obra numerosa, que, ainda viviam no campo e estavam vinculadas as nobrezas. O rompimento das ligações entre os camponeses e os senhores feudais foi se dando lentamente, e causou uma grande migração para a cidade.

Paralela à Revolução Industrial ocorreu A Revolução Francesa - em 1789, com uma aliança entre burgueses e as camadas pobres que queriam eliminar a monarquia. Um terceiro movimento dessa época, chamado Iluminismo, surgiu por opor-se à escuridão dos tempos medievais.

A partir dessas transformações que geraram novas demandas e inseguranças, os estados centrais passaram a se interessar pela educação primária. De acordo com Dussel & Caruso (2003) a educação obrigatória tornou-se um instrumento capaz de gerar a obediência em massa, dentro de um contexto em que as populações migravam, as cidades cresciam descontroladamente e o ritmo de crescimento era acelerado.

professor especializado. Neste momento, não por acaso, surgiu a formação docente propriamente dita: no momento em que o ensino, tanto das crianças como das almas, precisava de conhecimentos especializados” (Dussel & Caruso, 2003, p. 114).

Ao mesmo tempo em que surgia a Pedagogia, uma lenta mudança nas práticas escolares ocorria. Já não bastava manter as crianças quietas na sala de aula, importava que aprendessem também. A internalização de saberes modificaria condutas e atitudes.

“A nova pedagogia exigia que os alunos fossem levados a pensar”.
(Petrar, 1979, apud Dussel & Caruso 2003, p. 115).

1.8. Sala de aula global x método de ensino mútuo

Paralelamente à evolução da escola prussiana e da pedagogia como disciplina universitária ocorreu o desenvolvimento do método mútuo, que começou a ser utilizado por volta de 1800.

Esse Método também foi chamado de lancasteriano, em homenagem a um de seus iniciadores Joseph Lancaster (1778-1838). Era baseado na utilização de alunos auxiliares ou monitores. Esses monitores eram os alunos mais adiantados e auxiliavam o professor, que assim podia conduzir até 1000 alunos. Depois de Lancaster, Andrew Bell (1753-1832) também desenvolveu o método mútuo nas missões cristãs inglesas na Índia a partir de elementos jesuíticos. Bell era protestante e insistia na supervisão dos professores e na necessidade de manter a ordem escolar e social, ensinando estritamente o necessário, e propunha o ensino de leitura, mas não o da escrita.

Todavia, Lancaster, pertencente às igrejas dissidentes britânicas, enfatizava e valorizava as conquistas individuais e propôs um sistema de castigos e recompensas que estimulava a auto-superação individual.

Apesar destas diferenças entre ambos, em comum possuíam a estrutura básica do ensino mútuo, organizada a partir de um professor e seus monitores – os alunos ajudantes.

Para o contexto da época - a Revolução Industrial e as transformações políticas da Europa e da América - o novo método parecia mais vantajoso do que o método global, pois possibilitava a alfabetização em larga escala em tempo e custos menores. O

método mútuo, segundo Lancaster, podia realizar em 2 anos o mesmo trabalho que uma escola tradicional realizava em 7, e também poderia economizar 60% do orçamento.

Apesar de alguns setores dominantes serem contra a escolarização maciça por temerem que quanto maior fosse a educação, maior seriam as reivindicações de mobilidade social o apoio ao método mútuo cresceu intensamente.

O método mútuo se desenvolvia ordenadamente através de várias etapas para ensinar os alunos a ler, escrever e contar. Vários cartazes ou figuras marcavam os passos do ensino organizados em sala de aula. Somente depois de aprendido e memorizado o 1º passo é que se passava ao seguinte.

A aprendizagem era feita de forma individual e os progressos do aluno é que determinavam se o ensino deveria ser mais rápido ou mais lento, o próprio ritmo individual também determinava à promoção de uma série a outra.

Os monitores controlavam o cumprimento das etapas, davam orientações para a leitura e a repetição e eram também responsáveis por controlar a disciplina. As crianças menores treinavam nas caixas de areia, em que escreviam as letras ou realizavam as operações aritméticas que eram pedidas, depois se dirigiam para as lousas individuais de ardósia (também chamada lousa manual); a lousa era a tecnologia fundamental do ensino e através dela dava-se a interação e regulação das relações professor-monitor-aluno.

Pode-se perceber a importância da lousa através das ordens que os professores deveriam dar aos monitores. Assim ordenava um professor lancasteriano:

“Classe, mostrem suas lousas: as crianças da sala instantaneamente colocam suas lousas sobre a carteira, com o lado onde escreveram para frente, e levemente inclinadas (...). Classe apaguem as lousas: apagam as palavras inspecionadas com suas esponjas. Classe, vamos fazer a lição, vamos para fora da escola; à igreja; ao Catecismo; ou às Contas : as crianças levantam-se de suas cadeiras e, voltando-se em direção ao professor, esperam a nova ordem. Classe, levantem-se: saem de suas carteiras, e colocam-se detrás das mesmas, mantendo os olhos fixos no professor. Os meninos cruzam suas mãos por detrás das costas; as meninas, pela frente” (Poole, John, “The village school improved”, 1813, citado em: Gosden, 1969, p.5, apud Dussel & Caruso 2003).

Lancaster chamou de “telegrafo” (um quadrado de Madeira com 6 quadrados menores nos quais se podia ler as letras iniciais da ordem respectiva) essas ordens eram dadas de frente, com uma série de sinais escritos. Além das ordens da lousa, outros professores utilizavam um sino para chamar a atenção dos monitores e alunos: cada toque representava uma ordem específica: ao 1º toque deveriam preparar-se para ficar em pé; ao 2º deveriam ficar parados em pé; ao 3º tinham que ir para a direita e a esquerda; e ao 4º toque deveriam juntar-se no fundo da sala. (Johnson, 1994, p. 10; apud Dussel & Caruso 2003, p. 120).

O método de monitoramento era considerado uma máquina pedagógica de muita eficiência, pois

“o complexo sistema de relojoaria da escola de ensino mútuo começava a ser construído engrenagem por engrenagem: começou destinando aos alunos maiores tarefas de simples vigilância, depois de controle do trabalho e, mais tarde, de ensino; a tal ponto que, no final das contas, todo o tempo dos alunos ficou ocupado, seja ensinando ou aprendendo. A escola converte-se em um aparelho de ensinar, na qual cada aluno, cada nível e cada momento, se combinados como devido, são utilizados permanentemente no processo geral de ensino” (Foucault, 1995, p. 170; apud Dussel & Caruso 2003, p. 121).

A escola lancasteriana também poderia ser comparada com a estrutura militar. Lancaster acreditava que a autoridade do professor precisava ser transformada, baseando-a em um sistema que fosse independente do caráter do mesmo, onde o sistema prevalecia sobre a autoridade do indivíduo, em que o oficial subordinado era tão rapidamente obedecido quanto seu chefe. Esta ordem militar nem sempre era aceita e estritamente cumprida, havia alunos e professores que não queriam segui-la. Para reforçar a obediência grupal, Lancaster criou um sistema de castigos e recompensas.

“Estipulou que os alunos deveriam agrupar-se em conjuntos ou classes de 10 ou 12, numerados consecutivamente e com um cartaz no peito, pendurado no pescoço, que mostrava seu número. O monitor deveria passar a lição para cada um e, se alguém errava, voltava um número na fila. Com o passar do dia, os alunos que cometessem menos erros encabeçariam as filas, e os que cometessem mais erros ficariam no final. Quem levava o número um tinha também um cartaz de couro ou cobre que dizia: “Mérito em leitura ou “Mérito em escrita”, e

recebia uma ilustração de presente; se falhasse, também perdia este distintivo (Lancaster, "Improvements in Education", 1806; citado em Gosden, op. Cit., p.6; citado em: Dussel & Caruso, 2003, p.122).

A diferença deste método com outros que utilizavam monitores era sua generalização como sistema e o desenvolvimento de uma série de técnicas que garantiram sua eficácia. Quanto à formação de um sistema, os professores deveriam ser formados através de seus livros e de seus ensinamentos diretos. Um grupo de alunos que vivia com o professor em 1805, era considerado, por ele, como

"sua família" e aprendiam sobre a condução da escola, a seleção de monitores e as "paixões", os futuros monitores deveriam aprender a registrar o temperamento e a conduta dos alunos, e a usar a si mesmos como exemplo" (Taylor, 1996, p. 17; apud Dussel & Caruso, 2003, p. 122).

A sociedade lancasteriana pagaria uma pensão ou salário fixo aos professores, ao contrário do que ocorria até então, com os professores em geral, cuja remuneração recebida era proveniente das mensalidades pagas pelos alunos. Fazendo com que a carreira fosse mais atraente para os melhores estudantes, daria à sociedade o direito de controlar o ensino que oferecia. A estratégia geral do método lancasteriano era de que os alunos poderiam depois ser professores, ou seja, os alunos mais adiantados ensinavam os atrasados, introduzindo, assim, um critério de mobilidade das posições educativas.

Ao se comparar a mobilidade existente no sistema lancasteriano com a técnica de localização jesuítica e lassalleana podemos ver que na sala jesuítica e na lassalleana a posição do aluno era algo que podia mudar de vez em quando, decidida diretamente pelo professor. No sistema lancasteriano essa posição podia mudar diariamente, sendo que essas mudanças não eram decisões diretas do professor, mas que obedeciam à aplicação de regras gerais. Nesta situação a autoridade do professor não aparecia como pessoal, ele não era um fazedor das leis. Ele era alguém que apenas aplicava regras existentes e que escapavam de seu poder. A autoridade do professor lancasteriano era técnica e de aplicação, assemelhando-se a autoridade do inspetor de fábrica, que estava encarregado de fazer os operários cooperarem com a máquina industrial, de acordo com regras definidas por outros, não por ele.

Havia um registro detalhado da vida escolar, onde se relatavam a frequência e progresso de cada aluno, em cada matéria e eram guardados ano após ano. A frequência dos alunos era controlada com chamadas ao longo do dia, classe por classe. Se um aluno se ausentava por vários dias, um funcionário da escola ia até a casa dele informar-se sobre o motivo das ausências.

As reorganizações do tempo e do espaço escolares faziam parte da reestruturação da experiência áulica que repercutiram sobre a escolaridade tal como conhecemos hoje. A jornada escolar estava minuciosamente regulamentada na escola lancasteriana. A pontualidade era premiada e os alunos que chegavam atrasados eram mandados para suas casas. Dizia-se que se perdia muito tempo na escola quando os alunos não estavam fazendo suas tarefas e nem tentando aprendê-las. A nova preocupação com o tempo deu-se no contexto da transformação social mais geral do capitalismo. Sendo que, enquanto os artesões e os agricultores eram mais liberais em relação ao seu tempo de trabalho, os donos das fábricas exigiam frequência pontual e regular.

No terreno educativo, enquanto na escola jesuíta e lasalleana não se aceitava perder um tempo divino, estar ocioso era considerado pecado, na escola lancasteriana o ócio na sala de aula era uma perda de tempo, uma questão de economia.

Quanto à disciplina, propunha uma utilização crescente do tempo. Era preciso “extrair do tempo cada vez mais instantes disponíveis e de cada instante, cada vez mais forças úteis” (Foucault, 1995, p. 158; citado em Dussel, 2003, p. 125). Neste princípio não era pecado desperdiçar o tempo, mas era antieconômico.

A sala de aula lancasteriana em sua organização espacial era estritamente regulada. Compunha-se de um grande salão, repleto de alunos.

“O professor devia estar na frente, sobre um tablado, para controlar os movimentos e as lousas dos alunos e o trabalho dos monitores; os alunos eram dispostos em fileiras de nove, sendo que no final estava um monitor. Ocasionalmente, os alunos paravam junto ao monitor e, em semicírculo, recitavam a lição ou as contas” (Dussel & Caruso, 2003, p. 126).

De acordo com Dussel & Caruso (2003), a organização do espaço escolar possibilitou o controle individual e trabalho coletivo e simultâneo. Gerando uma nova

economia de tempo necessário a aprendizagem. Fazendo o espaço escolar trabalhar como uma máquina de aprender, vigiar, hierarquizar e recompensar.

A situação material das escolas lancasterianas localizadas nos vários continentes, era, muitas vezes, de pobreza de recursos, o que se pode perceber através do relato sobre uma escola lancasteriana em Bogotá, em 1820:

“o local constava de duas partes: um corredor de pedra e uma sala estreita, com fumaça, escura e úmida, coberta por um limo verde de cheiro desagradável. Havia uma antiga mesa de cedro, uma cadeira de braços; quatro bancos muito duros e um banco de tijolo. Estes eram os únicos móveis que decoravam aquele lúgubre cômodo” (Dussel & Caruso, 2003, p. 127).

Sobre a cadeira do professor havia um adereço composto por um enorme chapéu de palha decorado com penas de peru (vulgarmente chamado “tonto”), uma corda trançada de seis fios, duas palmatórias e um cartaz escrito em grandes letras vermelhas, que dizia:

“A letra marca-se com sangue,
e o trabalho com dor”. (R Carrasquilla. “Lo que va de ayer a hoy”,
citado em: Weinberg, 1984, p. 101. apud Dussel, 2003, p. 128).

Na prática, o método não funcionava como fora proposto por seus criadores. Primeiro porque junto com o regime de monitoramento, outras formas de instrução simultâneas coexistiam a cargo do professor. Segundo porque logo apareceram críticas sobre a capacitação dos monitores em ensinar os alunos.

“As crianças aprendiam os conteúdos por meio de um companheiro, o qual, embora estivesse mais adiantado na hierarquia, era, de qualquer maneira, um de seus pares. Corria-se então o risco de que o monitor, o ajudante, fosse mais importante do que a figura centralizada do professor. Muitos julgavam que esse método não garantia o sentido moralizador do ensino, a produção nos alunos da boa ou má consciência como regulador interno: o professor estava muito distante dos alunos e sua autoridade era mediada por outro aluno” (Dussel & Caruso, 2003, p.130).

Os críticos da época diziam que não bastava educar os corpos, era preciso educar também a alma. E também porque o método enfocava o ensino da leitura-escrita e de cálculo, deixando de lado as aprendizagens religiosas, que em ocasiões anteriores haviam sido centrais.

Nas escolas lancasterianas aceitavam-se crianças de todas as seitas, não se ensinando nenhum dogma específico, limitando-se apenas a leitura de passagens extraídas da bíblia, uma vez que, acreditava-se que o ensino religioso cabia aos pais.

O método lancasteriano também teve efeitos não desejados, como a formação de líderes operários sindicais e políticos na França e Inglaterra. Tal fato foi facilitado primeiro devido à presença de crianças e jovens de diversas idades que trocavam experiências e conhecimentos que excediam o currículo proposto por seus criadores (Lancaster e Bell), e também por proporem saberes sindicais e sociais. Segundo porque muitos haviam aprendido a trabalhar de forma mais autônoma, sem a presença de um representante unificador imediato, como o professor; também porque a leitura e a escrita os favorecia a entrar em contato com sociedades semi-políticas que, àquela época, organizavam-se em favor da regulamentação da jornada de trabalho e da educação obrigatória.

Dessa forma, parecia que os resultados do método global eram menos evidentes, porém mais seguros. Porque nas salas globais de 100 alunos, um único professor era encarregado de organizá-las, não despertando, assim, a desconfiança dos Estados que estavam centralizando as funções com a educação, saúde, punição do ócio, e exército. Alegava-se que aos estados capitalistas nascentes interessava quanto o método era constante e não o quanto era barato e rápido, a fim de garantir a “ordem” entre as novas gerações de uma sociedade em transformação.

Assim, a partir destas críticas e a desconfiança crescente do Estado em relação a eficiência do método, a escola lancasteriana foi decaindo. Na metade do século XIX, o método mútuo – de monitoramento havia sido abandonado em grande parte da França e da Inglaterra. Entretanto, continuava vigente na América Latina, devido as guerras civis e a escassez de docentes. Ao final do século XIX, no entanto, fora decididamente combatido quando

“Os estados nacionais decidiram progressivamente pela primazia do pastorado modernizado que surgia juntamente com a disciplina

independente chamada pedagogia, baseada em sistemas de ensino simultâneos” (Dussel & Caruso, 2003, p. 131).

A sala de aula Global desejava que os alunos obedecessem de forma reflexiva e não às cegas. Para os críticos da época, o método mútuo representava uma organização da sala de aula na qual, talvez a distância relativa da figura central do professor tivesse permitido passar para segundo plano a produção da obediência por meio da consciência. Assim, para produzir a obediência que se almejava era necessário que a autoridade do professor sobre o discípulo se interiorizasse na consciência dos alunos, e que estes se auto-controlassem.

Neste caso, o olhar do professor era fundamental, pois permitia que os alunos aceitassem as regras, ao mesmo tempo, para aqueles que não aceitavam, permitia uma eficácia disciplinar especial. Assim sendo o método global oferecia condições que possibilitavam a transição do controle externo do professor ao autocontrole de si mesmos. Talvez fosse a ausência desse elemento controlador do docente que muitos pedagogos não encontraram no método mútuo.

A sociedade industrial e a economia capitalista, cada vez mais, deram preferência ao sistema global ao invés do método lancasteriano, cujos resultados morais ou de obediência eram poucos seguros. O método lancasteriano, com sua lógica de ensino que se parecia com o ritmo das fábricas, por não ter se imposto nas sociedades industriais mostrou-nos que em uma sociedade moderna nem todas as partes se modernizavam ao mesmo tempo. Depois que os setores dominantes europeus e americanos atribuíram à escola uma função mais conservadora do que transformadora, o método global foi a forma considerada mais indicada para esta função. Assim, a pedagogia veio atender a esse ensejo, através da produção de teorias de ensino mais abrangentes.

2. A pedagogia nas escolas mútuas no século XIX.

2.1. Método individual, método simultâneo e o ensino mútuo

No início do século XIX surgiu na Inglaterra o sistema monitorial de ensino. Os princípios desse novo sistema, sua estrutura e procedimentos foram definidos por André Bell, ministro da igreja Anglicana e Joseph Lancaster, da seita dos Quakers, sendo imitados por outras instituições escolares.

Posteriormente, esse método chega a França e recebe o nome de Mútuo, através da abertura da 1ª escola de ensino mútuo em 1815.

Dois métodos antecederam ao ensino mútuo. São eles: o método individual e o método simultâneo.

No método individual, algumas características são consideradas. Era o método mais divulgado nas escolas das zonas rurais; sua didática consistia em o professor chamar para perto de si o aluno, e dedicar-lhe alguns instantes de atenção e instrução; possuía como única matéria de ensino a leitura e era organizada de forma que cada aluno deveria ler o livro que trouxera, em seguida retornar para seu lugar e exercitar o que o professor acabara de lhe ensinar, atitude que gerava indisciplina entre os alunos, pois choviam tapas.

A eficácia de tal método era irrisória, visto que, não havia programa obrigatório a ser seguido, variavam muito de uma escola para outra. Além do que, os professores eram recrutados sem que se exigisse nenhum diploma e o ensino era visto apenas como função secundária.

O método simultâneo, ao contrário, era coletivo e apresentado a grupos de alunos reunidos em função da matéria a ser estudada. Podendo atender de 50 a 60 alunos ao mesmo tempo. Esse método comportava três classes sucessivas. A primeira dedicada à leitura, a segunda recebia os alunos que aprenderam a leitura (francês e latim) e ensinava a escrita, a terceira possuía número reduzido de alunos e abordava as disciplinas de gramática, ortografia e cálculo.

Em relação ao método individual, o simultâneo era o mais vantajoso tanto em relação à aprendizagem quanto a vida na classe. Entretanto, possuía desvantagens e deficiências. Foram poucas as escolas desse método (simultâneo). Essas escolas só existiam em cidade ou vilarejos com determinado número populacional. Perdia-se muito

tempo devido a ‘importância dos efetivos’ e a insuficiência do método. Levava-se quatro anos para aprender a ler e poder passar para a 2ª classe. A escola mútua vem romper com essas práticas. Ao invés do professor ser o agente de ensino, como nos métodos anteriores, o aluno é que era investido da função de ensinar. O aluno mais adiantado servia de professor daquele menos capaz. Essa era a forma de fazer os alunos avançarem gradualmente, independentemente do número de alunos.

Bell e Lancaster discutiram a diversidade e desigualdade de progresso e ritmos de aquisição dos alunos. Defenderam que as escolas fossem divididas em classes diferentes conforme o nível de conhecimento dos alunos, sem que as diferenças de idade atrapalhassem. Assim, os alunos reunidos aprendiam os mesmos exercícios. O programa de estudo era idêntico nos conteúdos e métodos. Se o aluno tinha um desempenho maior em uma disciplina, constituíam-se subgrupos que evoluíam paralelamente, mantendo-se os métodos e suportes de ensino. Uma escola do ensino mútuo (nas vilas francesas, nas escolas de Londres, nas escolas parisienses) agrupava os alunos numa sala única, sem separação seja qual fosse o número de alunos.

Na Inglaterra e na zona rural francesa, utilizava-se o celeiro para instalar a nova escola. Na França, utilizava-se o edifício religioso, desocupado após o período revolucionário.

As matérias ensinadas nas escolas mútuas seguiam um programa preciso e organizado, estando dividido em 8 graus hierarquizados. Cada grau se chamava classe. O termo classe só devia ser entendido em relação à aquisição do conhecimento, excluindo-se a noção e referência ao espaço. E a 8ª classe era dos que concluíam o curso escolar. Portanto, a atribuição a uma classe era unicamente resultado do nível de conhecimento.

“Essa divisão era acompanhada no interior de cada classe e dentro de cada disciplina, pela constituição de grupos limitados, e nele eram estabelecidas as atividades que deviam ser praticadas. Por exemplo, em aritmética, os trabalhos escritos se faziam sobre a ardósia. Os exercícios orais, em leitura ou aritmética, eram realizados com ajuda de um quadro negro, a aritmética e o desenho linear se faziam com grupos de no máximo 9 alunos, formando um semicírculo. Então, dava-se a esse tipo de atividade o nome de trabalho em círculo” (Lesage, 1999, p.13).

Por questões de economia, o mobiliário e o material, eram bastante reduzidos até a III República. Os bancos eram de tábua simples e sem encosto. Para chegar até a mesa do professor o aluno devia subir vários degraus. O professor reinava sobre os alunos mais pela posição física do que pela posição pessoal.

O relógio era objeto indispensável, cronometrava todas as atividades. Os semicírculos chamados círculos de leitura eram arcos de ferro e podiam ser elevados ou abaixados livremente. Os cartazes eram utilizados para o desenho linear e a aritmética e ficavam colocados no interior de cada semicírculo. As varas dos monitores, utilizadas para indicar as letras e palavras a serem lidas e os traçados a serem reproduzidos, não existiam nas escolas rurais, a não ser pela engenhosidade dos monitores, que as buscavam nos bosques.

As despesas se deviam a aquisição das ardósias utilizadas nas disciplinas que constituíam a inovação do método mútuo. Não sendo utilizadas em outras escolas. Levava-se ao extremo o esforço de sistematização e de standardização. Previam-se tudo, desde a qualidade do objeto até o número de linhas para preencher a ardósia.

Outra inovação do método foi a substituição dos livros por quadros. Um único quadro era utilizado por nove alunos. Mas os livros não foram excluídos, eram destinados à 8ª classe, assim como as penas, a tinta e o papel.

As escolas mútuas, desde a origem foram dotadas de material administrativo completo. Sete registros garantiam uma gestão objetiva dos estabelecimentos. Um em especial, foi o registro de inscrição, chamado o grande livro da escola. Nele, anualmente inscrevia-se o nome de família, prenome e idade do aluno, profissão e endereço dos pais. Também foi utilizado para registrar a conduta pedagógica do estabelecimento e controle dos conhecimentos. O professor anotava a data exata de entrada e saída de cada aluno, em cada classe, nas disciplinas instrumentais e no desenho linear.

O programa da escola mútua foi limitado a três disciplinas: 1. Leitura, 2. Escrita, 3. Aritmética – e o ensino de religião. Na leitura os resultados foram significativos. Enquanto nas escolas lassalistas, de ensino simultâneo, o aluno demorava quatro anos para aprender, nas escolas de ensino mútuo o tempo caía para 1 ano e meio. As razões desse sucesso se deviam aos horários consagrados a essa disciplina, as estruturas pedagógicas, com a constituição de pequenos grupos favorecendo uma leitura intensiva, atenta e sem perdas de tempo. Utilizavam a nova soletração, fazendo a leitura de palavras desde as primeiras lições. Os procedimentos comportavam três tempos de aprendizagem:

1. Decodificação, 2. Exercícios de memória, 3. Codificação.

Na escrita, o estudo era progressivo, iniciava-se com a formação das letras sobre a areia com o dedo na 1ª classe, até a escrita com tinta sobre o papel, na 8ª classe, passando antes pela ardósia. Na aritmética, os resultados foram fracos. Os insucessos foram devidos ao desconhecimento dos modos de aprendizagem dessa disciplina e à insuficiência do método. Todo ensino era verbal – Os números e as operações eram ditados e os monitores apenas corrigiam, não explicavam.

No ensino religioso – as quatro primeiras classes de leitura deram origem as quatro primeiras classes de ensino religioso. O canto foi introduzido em 1819 em todas as escolas mútuas. Com ele nasceu o 1º coral, a 1ª obra pós-escolar francesa – o Orfeão. A redação, nas escolas mútuas, surgiu em 1840. Era o professor quem ministrava esse ensino. História e Geografia - foram pouco ensinadas nas escolas mútuas.

No método mútuo o professor dividia a responsabilidade com o aluno encarregado da função de monitor - o aluno mais forte ensinava ao mais fraco, o professor transmitia conhecimentos e instruções diariamente aos monitores. O professor era o responsável pela 8ª classe e também, em última instância, era quem distribuía as punições e as recompensas. O monitor geral cuidava do funcionamento das entradas e saídas da escola e dos deslocamentos dos alunos decorrentes das mudanças de atividades; dirigia os monitores particulares que regulamentavam as evoluções durante as lições, indicava os momentos de mudar de procedimentos e listava, ao término da lição, os nomes dos alunos que seriam punidos ou recompensados.

Os monitores particulares eram escolhidos na 8ª classe da disciplina e usavam uma medalha de bronze em que estava inscrito um número de 1 a 8.

Para fazer os alunos progredirem, o ensino mútuo previu ordens precisas. A comunicação era mecânica e hierarquizada. Partia do professor ou do monitor geral para os monitores e alunos. Era um meio de ação e não de trocas. As ordens eram transmitidas de quatro maneiras: Pela voz, pela sineta, pelo apito (uso permitido apenas ao professor) e pelos sinais.

Os fundadores e depois os seguidores desacreditavam que o simples desejo de aprender fosse motivação suficiente para o grande número de alunos. Então, apelavam para a emulação como procedimento de ensino e meio de educação. Instituíam concursos entre os alunos para favorecer essa emulação. Todo trabalho e todo comportamento estavam sujeito a punições ou recompensas imediatas.

Embora se diga que na escola mútua os castigos corporais foram banidos e que, os fundadores das escolas mútuas procuraram substituir nos corações dos alunos o sentimento de medo pelo sentimento de honra, percebemos que os castigos, sobretudo na forma de humilhações, como veremos a seguir, estavam muito presentes, ainda que fossem mais valorizadas as recompensas do que as punições.

3. Castigos lancasterianos

No Brasil, do manual de Lancaster só foi publicado o capítulo referente aos castigos, por uma gráfica de Ouro Preto em 1829 e destinado aos mestres de ensino mútuo. O livreto descreve os tipos de castigos que eram utilizados.

3.1. Instrumentos e modos de castigos lancasterianos

Os modos de castigos lancasterianos, assim se denominavam e se delineavam: após ofensas seguidas e já repreendidas, colocavam em volta do pescoço do aluno um pedaço de pau que dificultava seus movimentos (para esquerda ou para a direita). Obrigando-o a manter-se em sua carteira e a continuar seu trabalho.

Das Cadêas de pau - quando o castigo com o pau (preso ao pescoço) não surtia o efeito desejado, amarravam-se às pernas do ofensor em um pedaço de pau, o que dificultava seu andar. Ele era obrigado a passear ao redor da sala até ficar cansado e pedir a liberdade, prometendo melhor comportamento daí em diante. Se este castigo não surtisse efeito, amarrava-se a mão esquerda atrás das costas. Em outras vezes, amarravam-se as pernas juntas. Este tipo de castigo era aplicado àqueles que não paravam em seus lugares, e passeavam pela aula.

A Cesta - o aluno era colocado dentro de sacos ou cestos e pendurados no teto à vista dos colegas que o zombavam. Por ser o mais temido pelos decuriões, era pouco usado.

A Caravana - era um castigo que podia ser aplicado a quatro ou seis crianças ao mesmo tempo. Constituíam-se de um pedaço de pau amarrado ao redor do pescoço de cada um, dificultando o caminhar deles.

Proclamação de um ofensor perante a aula - a criança desobediente dos pais e faltosa com a moralidade ou higiene pessoal era vestida com tiras nas quais se inscrevia as ofensas que cometera. Era obrigada a passear pela sala, sendo precedida por dois colegas que iam proclamando as ofensas.

Falta de Limpeza - quando o menino ia para a escola com o rosto ou as mãos sujas, uma menina era chamada para lavá-las diante de todos os colegas da sala. Esse castigo causava muito constrangimento ao aluno, fazendo-o zelar pela própria higiene.

Da prisão depois da aula - variavam-se os castigos para manter os efeitos, pois castigos usados constantemente perdiam seus efeitos. Para prender os meninos logo

após a aula, eram amarrados às escrivaninhas ou presos pelo pescoço de forma que não pudessem se mover.

Tom de cantar ao ler - meninos que quando iam ler tinham o costume de cantar eram punidos com artefatos presos à casaca que deviam vestir e por causa disso, eram zombados pelos colegas enquanto tinham que passear pela sala.

Escritos de vergonha - eram utilizados com aqueles alunos preguiçosos durante a aula que deviam ficar em pé segurando tiras de papel nas quais se escreviam palavras como: preguiça, por cantar ao ler, etc.

Outra qualidade dos castigos - este era o mais terrível. Consistia no uso de uma casaca, chamada de “Casaca dos Tolos”. Esta era pendurada o mais alto possível na aula com o nome do culpado. Era ideal para os meninos mais velhos e dispensava repetições. Para os preguiçosos, colocavam um travesseiro sobre a escrivaninha como se estivessem dormindo.

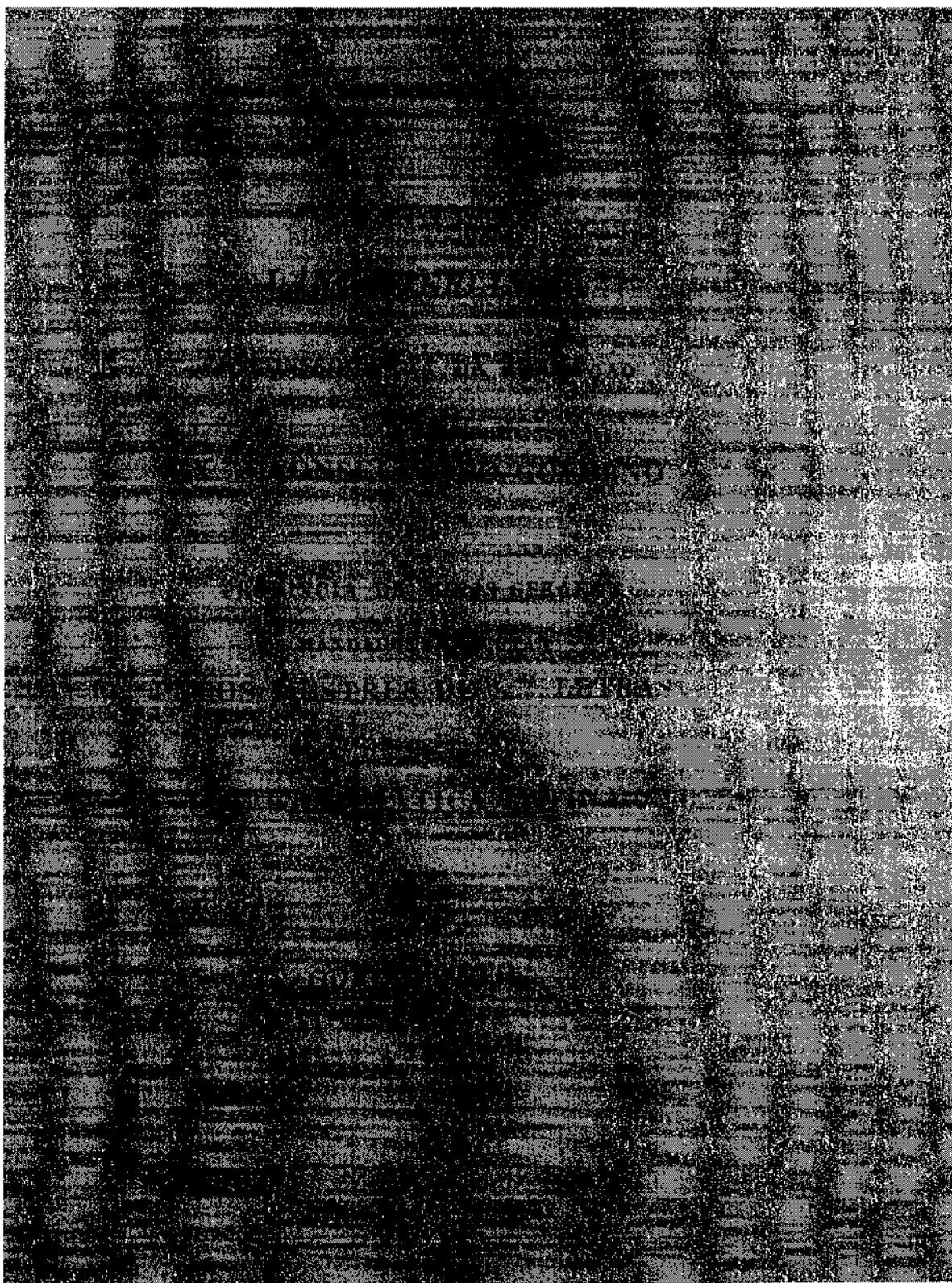
Das ofensas e queixas - as ofensas cometidas na aula pela mocidade provinham de suas espertezas. Poucos meninos faziam mal por gosto de fazer, apenas desejavam o que lhes era agradável. O vício, a moralidade e a irreverência eram castigados com severidade.

Principais faltas que ocorriam nas aulas - não se podia conversar e aprender ao mesmo tempo. Portanto, em qualquer aula o aluno que era pego conversando, era punido devido a grave ofensa.

Regra e ordem pela qual os decuriões faziam queixas - o Decurião vigiava cada discípulo e se algum era pego ocioso, ou conversando era denunciado através de um bilhete, no qual se inscrevia a classe a que pertencia o aluno e, o mesmo era entregue a pessoa responsável por tomar conta das faltas, que o apresentava no topo da sala.

Cartas recomendatórias - eram cartas mandadas aos pais dos alunos que se distinguiam no aprendizado durante as aulas. Tinham a intenção de incentivá-los a continuarem com esse comportamento nas aulas.

Emulação entre classes - era uma competição entre as classes, que as estimulava a buscar vencer e ocupar o lugar de destaque. Podia ser escrita em lousa ou livro. Um juiz decidia qual dos dois trabalhos era o melhor. Essa disputa, seguida de julgamento, sustentava o interesse dos discípulos e dos decuriões e fazia emergir o talento de cada um dos competidores. Isso permitia aos mestres conhecerem melhor as habilidades de seus alunos, e assim, exigir mais deles no futuro.



4. A formação de professores para o ensino mútuo no Brasil

4.1. O Curso normal para professores de primeiras letras do Barão Degerando

O decreto das Escolas de Primeiras Letras, de 15 de outubro de 1827 determinou a criação de escolas primárias, preferencialmente com a adoção do método monitorial ou mútuo. Os professores deveriam ensinar a ler e escrever, as quatro operações, princípios da moral cristã e da doutrina cristã; e deveriam punir segundo o método lancaster.

Recomendava-se aos professores preparação no método mútuo de ensino, e estava previsto no decreto a sua instrução em curto prazo e à custa de seu ordenado nas escolas das capitais. Entretanto, não havia condições adequadas para a formação desses professores. A fim de sanar esses problemas foi criada a primeira escola Normal do Brasil (1835-1851), na capital da província do Rio de Janeiro - em Niterói, com a finalidade de formar os futuros mestres no domínio teórico-prático do método monitorial. Devido à preocupação das autoridades em qualificar os professores com o que havia de mais moderno para a preparação dos mestres no sistema de ensino mútuo, a obra do Barão Degerando foi traduzida e intitulada: Curso Normal para professores de primeiras letras ou direções relativas à educação física, moral e intelectual nas escolas primárias; editada na França em 1832.

O Barão Joseph-Marie Degerando foi uma das grandes figuras da instrução primária popular no início do século XIX na França. Filantropo, dedicou-se à educação do povo, como forma de melhorar a espécie humana. Escreveu obras de filosofia, em que desenvolveu a idéia de que o homem poderia melhorar moralmente, através da educação; escreveu ainda obras de pedagogia sobre o ensino de surdos-mudos, a instrução de pobres, a educação moral e obras de caridade.

Tendo por objetivo formar o cidadão consciente de seus deveres, obediente à lei e capaz de submeter seus interesses individuais aos da nação, se questionava qual formação exigiria de um professor do ensino mútuo. Degerando, nas conferências de seu Cours normal, deu as diretrizes dessa pedagogia, como mostraremos a seguir, ele se esforçou por persuadir os alunos mestres de que não deveriam ser simples professores de leitura, de escrita, de aritmética, uma vez que formariam a infância. Dessa forma, definiu a atividade dos professores não apenas como uma profissão, mas como um

ministério moral. A ação moralizante do método mútuo, desenvolvida pelo trabalho dos professores, deveria alcançar também as famílias através das crianças. Deveria fazer desaparecer pouco a pouco o senso de ignorância e as funestas inclinações dos alunos.

Assim sendo, o decreto n. 28 de 11 de maio de 1839 determinou que se traduzisse e imprimisse a obra do Barão Degerando para uso dos professores de primeiras letras. Não se tratando de um livro, mas da publicação de um conjunto de dezesseis conferências, descritas a seguir:

Primeira conferência

Dignidade das funções do professor de primeiras letras

O autor reconhece a nobreza do título de professor primário quando desempenhado conforme os deveres que prescrevia. Não seria simples profissão a exercitar, mas uma missão a cumprir, função social a se executar. O Estado reconheceria a importância e a necessidade deste emprego, por isso o criaram, regularam e protegeram. O professor exercitaria autoridade real no circuito de seu estabelecimento, seria um magistrado cuja influência se estenderia para além da escola. Representaria os pais e em nome deles exercitaria o pátrio poder. Seu ministério se associaria como secundário ao ministério religioso: porquanto a instrução seja útil à religião e à moral. O professor de primeiras letras prepara a infância para a religião.

Ao mestre será concedido lançar a semente em terreno virgem, receber a criança em seus primeiros anos, cheia de inocências para instruí-la no caminho da ciência e do bem. Com estes dons ela adquirirá os demais. Gerações se sucederão ao redor do professor para aprenderem com ele. Sua influência também chegará às famílias desses meninos, e envolverá toda a sociedade.

O autor acredita que a missão de ensinar seja sagrada, pois que, bons costumes, indústrias, comodidade geral, paz, ordem pública, são frutos lentos, mas certos, vinda da boa direção dada a primeira infância, a educação geral. É uma profissão sagrada, pois aos professores cabe a missão de realizar adiantamento da civilização. As nações desejam a melhoria da condição das classes trabalhadoras, uma vez que elas influem na consolidação e desenvolvimento de suas instituições e esta melhoria só poderá se alcançada pela propagação do adiantamento moral e da instrução. Esses alunos, destinados a vida de provações e suores, necessitarão de forças e paciência. Caberá ao professor torná-los virtuosos e armá-los de verdadeira energia de caráter. Requer-se do

professor nada menos que toda sua existência. Todo o seu tempo deverá ser consagrado a esta missão. Requer o emprego combinado de todas as suas faculdades. Requer-se ainda paciência. Os meninos poderão ser ignorantes e indisciplinados e o professor terá que se adaptar a eles. Embaraços e dificuldades são esperados que devam ser superadas com perseverança. Contrariedade e desgostos farão parte do caminho, mas somente em vocês mesmos é que encontrarão recursos para seguirem adiante.

O autor expõe que se junte à sólida instrução também talento de ensinar, para dirigi-los, domá-los e formar bons costumes. Para tanto, em troca de tudo quanto é exigido, muito pouco será oferecido. Um dia (no futuro) a maior recompensa virá dos alunos depois que tiverem saído da escola, por terem recebido de vocês a melhor instrução, o considerarão um amigo, um guia e aos seus conselhos recorrerão ao reconhecerem pela experiência a utilidade que dela tiraram. E quando estiverem no fim da vida serão cercados de gerações de pessoas a quem tiveram feito o bem. O sentimento será de reconhecimento.

Trata-se de uma profissão que oferece constante ocasião de se aperfeiçoarem, fornece motivos, da meios para isso. O professor terá que estudar sem interrupção, terá assuntos de observação, ao buscar melhorar os discípulos e fazê-los bons, também ele, o professor, se melhorará.

As funções que os professores irão desempenhar já foram elaboradas/pesquisadas por sérios educadores que buscaram aperfeiçoar os métodos que usaram. Personalidades renomadas trabalhando para os mestres e para a infância, alguns publicando tratados, instruções e manuais para os mestres das escolas elementares, como na Inglaterra os doutores Bell e Lancaster, na suíça Pestalozzi voltando a vida à reforma da educação em todas as classes, desde as primeiras instruções dadas pela mãe até a que introduz nas ciências, e aplicando-se a desenvolver a inteligência pelos exercícios da instrução. Na França, no fim do século XVIII o cônego de La Salle erigiu um instituto especial para direção das escolas primarias, criou o método simultâneo que lutou durante vinte anos para fazer triunfar a boa causa da educação elementar.

Os futuros professores, no exercício de sua tarefa/missão, estarão assistidos por estes brilhantes homens das letras, que os ajudarão a desempenhar dignamente suas tarefas.

Segunda conferência

Disposições e qualidades necessárias ao professor de ensino primário

Ao se abraçar qualquer carreira, antes é preciso saber quais os motivos levam a escolhê-la. Para seguir na carreira de professor precisa de vocação especial, pois, trata-se de exercer funções de poderosas influências. O professor que tentasse essa carreira com interesses/especulações mercantis ignoraria o verdadeiro caráter dela, não se sairia bem porque não entraria em suas funções com o espírito que ela requer. O professor interesseiro não poderá formar com seus discípulos relações morais, não poderá fazer com que o amem e respeitem. O Barão Degerando deseja que a carreira de professor seja abraçada com verdadeira afeição, que entrem nela com sacrifício para desempenhá-la com brio.

Muitas condições são necessárias para formar o bom professor. Primeiro é preciso gostar das crianças e de viver no meio delas, este será o mais certo sinal de vocação. Este é o segredo para poder bem dirigi-los, mas mais que isto, o sucesso do professor depende principalmente de seu caráter. Castigos poderão ser aplicados, regras recompensas, mas nada poderá superar a autoridade invisível de seu caráter pessoal. Esses mestres estarão cercados de crianças de tenra idade, talvez acostumados a vida vagabunda e dissipada que talvez não entendam seu raciocínio, no entanto, eles sofreram as influencias de seu caráter. Convém que nunca demonstrem capricho ou fraqueza, a criança observa seu mestre com atenção por estar dependente dele. Se o professor não souber se conter, o aluno descobrirá que tem poder sobre ele e não o obedecerá. Porém se ele sempre for o mesmo, não se alterando, os alunos o respeitarão e seguirão com confiança. É preciso que tenha igualdade de caráter, primeira qualidade exigida dos que trabalham com crianças.

“As crianças mais cedem, as forças do exemplo do que entendem lições: a imitação lhes serve de raciocínio” (Degerando, 1839, p. 27).

Aconselha: infalível segredo para conquistar consideração. Obter estima geral, fugir das relações de intimidade, nunca tomar parte em desavenças, nem participar de disputas por interesses pessoais, conservar natural dignidade. O professor deve ter vida pura, não deve se expor em relação a suspeita sobre o respeito dos bons costumes. Ao aspirante ao nobre emprego de professor é necessário que seja homem de bem. Seu primeiro ensino são seus exemplos. Às crianças poderá exigir aquilo que for o primeiro a fazer. Dessa forma, o professor que tem de velar constantemente sobre os discípulos, com a mesma assiduidade com que deve fazer sobre si mesmo.

É preciso que o professor tenha determinados conhecimentos - Não basta que saiba para seu uso, é preciso que saiba para ensinar, as idéias que terá que transmitir devem ser-lhes familiar. Deverá compreender o porquê de cada coisa.

“Na instrução tudo depende dos primeiros elementos: se o menino bem os entender, adiantar-se-há com rapidez; no caso contrário, as noções falsas ou confusas que houver concebido desde a entrada servir-lhe-ão de embaraço ao que devia ser introdução. Requerem, portanto esses primeiros elementos certeza e exatidão perfeitas” (Degerando, 1839, p. 35).

Talvez digam alguns que se guiam pelo método do ensino mutuo. Todavia, neste ponto, o autor critica esse método, dizendo ser grave inconveniente de tal método, porque privaria os professores das utilidades que devem colher do comércio com os discípulos e da influência que seu caráter pessoal devia ter sobre eles.

“O ensino mútuo obriga o aluno a fazer todo o uso possível de suas forças, procede por mecanismo graduado, por meios gerais que não requerem ação tão direta, freqüente e individual do Mestre sobre cada discípulo, e é por isso que ele permite obrar sobre maior massa; mas nem por isso devem os olhos do mestre ser menos constantemente dirigidos ao mesmo tempo a todos e a cada um de seus alunos; cumpre que possua uma espécie de habilidade diferente da que é necessária no ensino individual; mas é de mister esta atividade em grão eminente. Por outro lado, os cuidados que o professor deve aos discípulos na Escolas d’ ensino mútuo não se limitam á simples direção dos exercícios gerais, que tem lugar durante as classes ” (Degerando, 1839, p. 38).

Os dias do professor são cheios, os meninos correm com alegria para junto dele. A escola parece um pequeno mundo, onde reinam ordem, prudência e bondade. Os discípulos por eles formados, na idade adulta, trabalhando em diversos ofícios, quanto mais aproveitarem de suas lições mais gratos lhes serão.

Terceira conferência

Educação nas escolas primárias

Nesta parte o termo educação agora substitui instrução. O autor pede cautela quanto ao erro geralmente propagado que reputa à instrução o único benefício que a infância tira da escola. Para ele educação e instrução são elementos inseparáveis de um mesmo sistema, e a instrução está subordinada à educação. Talvez fosse por isso que quando uma escola era aberta só se ensinava a ler escrever e contar. A tarefa do instrutor se baseava em formar a infância do homem, desenvolver-lhe os dons da humanidade.

Educação e instrução caminham juntas, privadas de seus mútuos auxílios cada uma delas perderia uma porção de sua utilidade. A instrução não existiria apenas ao receber lições, e ao se ler livros, ela acontecerá pelo exercício e desenvolvimento das forças próprias da inteligência as quais favorecem a observação, a compreensão, a comparação, o julgamento e aplicação. São as forças interiores do espírito e são estas capacidades intelectuais que a educação deseja cultivar. Uma criança de branda índole é mais aplicada e está menos exposta à dissipação, e o exercício religioso é capaz de trazer efeitos vantajosos para a vida moral.

As crianças após assistirem as lições do dia voltavam para suas famílias. Sendo educados na casa paterna e para a escola apenas vinham para buscar instrução. De fato, a educação doméstica muito contribuía para a formação desses meninos, mas não os dispensava da porção mais essencial de seus ministérios. Essas horas passadas na escola eram alimento moral para todo o dia. Depois de tê-las passado junto de honrado professor, voltavam para o seio da família, conservando os frutos das boas influências que colheram, e seus exemplos, desejava-se, atingisse também os pais.

Acreditava, portanto, o Barão Degerando, que os cuidados do professor não se limitavam apenas dentro da escola, e que suas funções iniciavam e acabavam com a classe.

Para o autor, a educação deveria ensinar a viver ao longo da existência humana, habilitando o homem a ser útil aos outros e a si mesmo. Assim, coloca que durante o curso da carreira terrestre deve a educação ser de continuado progresso, bem como o término dela deve ser de grande transformação. Havendo para o homem dois tipos de educação: uma que ele recebe dos outros e outra que ele oferece a si mesmo. Quando termina a educação que ele recebe do mestre, terá que continuar sozinho os progressos que a principio eram alcançados com a ajuda do professor. Quanto mais ele conseguir essa autonomia, tanto melhor terá sido o papel que o professor desempenhou.

Acrescenta que há uma educação primária assim como há uma instrução primária. Uma introduz na vida a outra na ciência. Da mesma forma que a instrução primária recebe o aluno ainda destituído de idéias e conhecimentos, a educação primária o recolhe quase sem inclinações, hábitos e capacidades.

“Não há uma educação especial para o povo, tampouco uma moral a parte para ele, há, pois, somente uma educação particular para certa idade da infância, e para certas condições da sociedade” (Degerando, 1839, p. 53).

A educação se divide em três ramos: Physico, moral e intelectual. O autor nesta parte volta a tratar da importância da educação infantil. Fala da grande utilidade que ela representa para aquele que a recebe, sendo muitas vezes o único fiador de seu futuro porque determina sua moralidade, fortifica-os nos princípios que os devem guiar, compõe seu patrimônio mais real.

“A quem houver faltado esta assistência se vera submergido em completa inutilidade, que será uma espécie d’idiota, impróprio para tudo, pesado a si e aos outros” (Degerando, 1839, p. 56).

Quarta conferência

Educação physica

Para Degerando a educação física é aquele ramo da educação que tem por essencial formar os diversos órgãos do corpo. Procura dar aos meninos boa saúde e desenvolver-lhe as forças mecânicas.

Dentre os cuidados que se aplicam ao corpo, alguns terão influência moral. Assim, o menino que demonstrar falta de asseio será menos favoravelmente acolhido nas festas, nas solenidades e nas celebrações religiosas. Caberá aos professores dar as contribuições para moderar neles as grosserias do trato, ou seja, a serem mais adequados socialmente, limpos e alinhados. Se conseguir isso com a maioria, os demais os imitarão.

Para conservar a saúde dos meninos nada era mais indicado do que exercícios moderados, variados e regular. Os movimentos dos diferentes membros e a postura do

corpo requerem do professor atenção contínua; os meninos não devem ficar muito tempo sentados, alternadamente devem ficar em pé, andar, mover os braços, mãos e cabeça. Para isto o Sistema praticado em nossas escolas de ensino mútuo serve engenhosamente –

“Regra Geral: fazer alterar sucessivamente o movimento e o repouso, as diversas espécies de movimentos e posturas durante a classe; não deixeis prolongar nenhum desses estados além de meia hora, fazei-os cessar no momento em que o aluno estiver fatigado” (Degerando, 1839, p. 61-62).

Aqui podemos notar a estreita relação entre a physico e a moral: pois,

“o discípulo que sente fadiga já não tem a mesma liberdade de espírito, o mesmo gosto ao trabalho; a atenção se lhe escurece; inquieta-se, agita-se; irrita-se contra a disciplina, e atormenta os companheiros. O professor, então, castiga sem razão, agrava a situação, quando deveria livrar o menino desses constrangimentos inúteis” (Degerando, 1839, p. 62).

Muitos professores erravam nesta parte porque buscavam dos alunos uma imobilidade passiva que só os contrariam e irritam. Deles, pede-se que vigiem o porte de seus discípulos, evitando que fiquem curvados, em má postura, a que estão sujeitos a adquirir quando ficam largados a si mesmos. É preciso regular-lhes o andar, observar como movem os braços e as mãos, pois, todos estes detalhes têm sua importância.

Para alcançar este intento propõe que sem muitas despesas o professor poderá mandar um carpinteiro fazer “um mastro ou escada perpendicular ou duas travessas horizontes e paralelas, assentadas em quatro estacas na altura dos cotovelos: ali os discípulos poderão pular, suspender-se, e fazer diferentes voltas, mas tudo em ordem, procedendo sempre do mais simples para o mais dificultoso” (p. 64). Os meninos poderão se exercitar durante o horário do recreio, ou seja uma ótima ocasião para o mestre trabalhar na educação physica com bons resultados para a educação moral.

Sobre os jogos, diz que são os mais importantes para a infância. Sendo importante que todos os alunos participem da “recreação animada”; em que os movimentos são mais vivos, rápidos, enérgicos e variados. Devendo ocorrer ao ar livre, sempre que possível, conservando a agilidade através dos saltos, favorecendo o uso do

pião e do laço, do arco, do papagaio e de tudo que desenvolva a destreza. Atrelado as todas essas atividades é importante que se tenha um objetivo determinado.

Dessa forma, o professor conseguirá melhores rendimentos dos alunos em vistas de que, basta uma mudança de ocupação para aliviar-lhes e reanimar-lhes as forças, principalmente quando o trabalho com o corpo suceder a aplicação mental e vice-versa:

“Vimos no belo instituto de Mr. De Fallenberg, em hofwyl, os meninos que voltam do trabalho do campo, correr com alegria às lições que os instruem e lhes nutrem o entendimento; vimo-los ao sair das classes tornarem com ardor aos instrumentos agrícolas”
(Degerando, 1839, p. 65).

Recomenda-se que os alunos sejam levados em passeios algumas vezes, assim se exercitará a vista, acostumar-se-ão a observar e a comparar. Embora todos os alunos vejam as mesmas coisas, nem todos enxergam da mesma forma. O menino que olha ao acaso, não saberá fazer uso dos olhos, se tornará incapaz de refletir. Sugere-se que o tom da voz do mestre e do aluno seja sempre medido, simples e harmonioso. Fugindo de gritos tumultuosos, ásperos e discordantes. Assim, o exercício do canto, o estudo de música simples são necessidades reais e universais da educação elementar. A música cultiva a atenção e provoca uma série de comparações exatas e precisas. Portanto, a palavra e o canto, favorecem os exercícios dos pulmões. Neste sentido formam parte da educação physica. A música tem o poder de auxiliar todos os movimentos musculares e facilitam a ação dos órgãos. O soldado que marcha cantando vai animado de maior ardor e sente menos fadiga.

Quinta conferência

Educação intelectual; e primeiramente como pode a professora cultivar a atenção, imaginação e memória

Os efeitos da educação intelectual, ao contrário da educação física, são menos perceptíveis aos olhos. O autor propõe um resumido curso de filosofia para mestres de primeiras letras, para ajudar no entendimento do gênero da cultura do qual se poderá tirar varias utilidades a diferentes respeitos.

A atenção é de fundamental importância para o sucesso na aprendizagem. O professor que não souber despertá-la nos alunos, o será apenas no nome. Essa atenção

que ele terá de despertar nos discípulos ainda não existe neles, o mestre é que tem a obrigação de fazê-la aparecer. As inteligências a ele confiadas, estiveram vagando sem desígnio, lançando os olhos aqui e ali apenas para a superfície das coisas, não notando nem parando sobre coisa alguma. Os meninos das classes trabalhadoras, até o momento de irem para a escola viveram uma existência monótona, carente de relações sociais, são pouco curiosos, por quase desconhecerem os prazeres da curiosidade. O primeiro trabalho do professor é saber tornar atento o menino. É preciso acordar essa atenção, e guiá-la, através de indicações da natureza.

A curiosidade pode ser excitada através de tudo que cause surpresa, através de impressões fortes e objetos novos. Essas escolas tristonhas em que as lições são dadas de forma monótona, em que aluno nada tem que desejar e buscar, quase que aniquila a curiosidade da infância, porém, ao contrário, naquelas escolas em que logo à entrada se oferece algo de engraçado e risonho, o aluno novo vê seus companheiros correrem com prazer e aplicarem-se aos trabalhos com alegria; tudo corre para colocá-lo em expectativa e logo querem se juntar aos colegas. Mas neste decurso, aproveitando a recreação, o mestre deverá criar milhares de ocasiões inesperadas, que inspirem aos meninos o desejo de observar, e a necessidade de perguntarem. Muitas vezes sendo questionados a respeito do que souberem, notarão o que ignoram, e assim serão incitados a procurarem a aprender. A este respeito o professor terá vários recursos ao redor de si: os objetos simples e familiares; as produções da natureza; as obras de arte; as corriqueiras ações da vida etc. Estes são exemplos que podem ser utilizados para capturar a atenção dos alunos e proporcionar ocasiões em que possam querer saber os porquês e os como. Nada aguça mais a curiosidade do que dar a entrever apenas a metade do que se propõe a mostrar, e deixar um lado escuro junto daquele que se descobriu. Há para isto dois meios: separar do aluno aquilo que só serviria para distraí-lo e apresentar aquilo que deveria ocupá-lo. O autor propõe que sejam empregadas freqüentes comparações para que sirvam de discernimento. Será preciso renovar essa curiosidade, apresentando a matéria sob diversas formas e explicando-as em todas as particularidades. Para conquistar a atenção do aluno é necessário deixá-lo de modo que se sinta tranqüilo, que nada o atormente, nem fatigue-lhes as forças, nem o moleste ou o agite. Aos mais adiantados deve-se requerer mais, mas aos que principiam convém abrir estrada larga e cômoda.

Com crianças mais novas será indispensável manter ativo o interesse da curiosidade. Não expondo todas as miudezas práticas, mas indicando o espírito delas, e transferindo ao mestre o cuidado de pô-las em prática. Acrescenta que o

“ensino mútuo” (que está organizado entre eles) dá muitos exemplos engenhosos. “Aqueles quadros suspensos em roda das salas; aqueles telégrafos na extremidade dos bancos; aqueles diversos instrumentos preparados; a postura dos Monitores; o assobio que avisa; as ordens dadas; tudo isto são outros tantos agulhões que provocam à curiosidade os meninos” (Degerando, 1839, p. 85).

Exercitando os meninos na escrita, se pedirá para escreverem, ao invés dessas palavras insignificantes, alguma palavra ou frase que recorde idéia familiar e interessante, eles terão gosto em fazê-lo. Para afeiçoar o discípulo ao seu trabalho o mais útil é fazê-lo feliz por todos os meios que lhe dêem felicidade real e pura.

Há duas diferentes qualidades na atenção: uma que abarca os detalhes, outra que abarca o todo. Não convém aplicar o mesmo regime a todos os alunos, em alguns eles facilmente se exercitam, mas é breve; outros só prestam atenção a custo, mas uma vez fixada, perseveram com maior constância e afínco. Convém moderar com os primeiros e animar os segundos. No entanto, o mais importante é que os meninos sejam exercitados a serem senhores de sua atenção e a disporem dela como instrumento de seu uso.

No entanto, tão importante quanto a atenção são a imaginação e a memória. A memória suscita o passado, recebe em depósito as aquisições do espírito e a imaginação concebe o futuro, reveste a vontade com mil cores o objeto a que aspira. A maior parte dos professores sequer sonha que a imaginação dos seus alunos guarda alguma cultura. Preocupam-se com os perigos que a imaginação expõe os homens e não descobrem nela mais que fonte de extravagância e delírio. Aos futuros mestres, ouvinte destas conferências era pedido para livrarem-se destes erros tão comuns. Todos os dons com que a Providencia Divina enriqueceu o homem são úteis, apenas os abusos é que são perigosos. A imaginação abre novos horizontes tão necessários a previdência e ventura do homem.

Em muitas ocasiões, os mestres de ensino primário, receberão discípulos cujo espírito esteja em espécie de letargo e a imaginação tenha se extinguido, acometidos da pobreza e da humilhação. Então, estes mestres terão que reanimar o foco da vida intelectual nessas criaturinhas, tão cedo atacadas da adversidade. Para cultivar e dar a

melhor direção a imaginação, preservando-a dos desregramentos, o segredo é fácil e simples:

“... fugi da uniformidade que entristece, atormenta e cansa; rejeitai tudo que puder causar desgosto: cuidai em promover no vosso aluno o sentimento do belo; oferecei-lhe aos olhos cores risonhas; aos ouvidos melodiosos sons; dispondo os objetos em formas regulares, elegantes e engraçadas; exercite-se o menino a si mesmo em reproduzi-las. Exercitai-lhe a indústria; animai-o a por si mesmo a entrar em ação, em ensaiá-la e inventar em espera sem dúvida limitada, mas todavia inesgotável para ele, onde se pode divertir e brincar, porque para ensaiar e descobrir será mister que combine. Propondo-lhe problemazinhos a seu alcance; para resolve-los será necessário que imagine. Desenrolai diante dele quadros descritivos, escolhei narrações engenhosas, pitorescas, animadas, porém verdadeiras e simples...” (Degerando, 1839, p. 90).

Para cultivar as associações da memória nos alunos, crê o mestre ignorante e preguiçoso, não há coisa melhor do que a freqüente repetição. Mas isto não é mais que um efeito mecânico. Se a associação, na origem, for ajudada pela analogia, poupará grande parte da repetição que foi necessária. Obrigando o menino a repetir, evitaremos que reproduza as coisas sempre pela mesma ordem, é preciso acostumá-los a variar e mudar as combinações. Os professores devem estabelecer associações principais, ligar os objetos entre si por meios de variadas relações. A música também auxilia eficazmente ao exercício da memória.

Sexta conferência

Continuação da matéria antecedente – Como pode o professor de primeiras letras formar o juízo e a razão de seus alunos

A falta de juízo é pior que a ignorância, pois corrompe a mesma ciência. O professor de primeiras letras tem especial importância na formação desta virtude em seus discípulos. A observação é que forma o juízo relativamente ao conhecimento dos fatos. Portanto, o autor propõe aos futuros mestres que se deixem os meninos observarem, mas evitem que fiquem apenas nas primeiras aparências e façam com que observem com ordem, perseverança e notem o que observam. Para se certificarem de

que o menino observa, convidem a contar o que viu. Isto fará com que ele se dedique a observar ainda melhor. É importante fazer com que os discípulos notem, desde cedo, como se encadeiam os acontecimentos, que identifiquem quais são as conexões entre efeito e causa. Assim, se formará principalmente o seu juízo, habituando o menino a indagar e entender o porquê de cada coisa. Para isto, não será necessário mudar de cenário. A pessoal experienciuzinha de cada momento ministrará, ao menino, abundantes conteúdos para este gênero de indução.

Os professores não devem aplaudir os meninos que se antecipam em dar explicações frívolas. Arriscando-se em falar a torto e a direito a respeito do que não entendem. Os mestres precisam proceder com cautela, se querem que os meninos adquiram juízo sólido. Estes aprendizes deverão observar por si mesmos a exatidão dos fatos, só assim estarão aptos para julgar.

É útil que o aluno seja incentivado a resumir as circunstâncias que observou, e enumerá-las para verificar se algo lhe escapou. Como já foi dito, é recomendado que o menino seja chamado a julgar somente aquilo que está a seu alcance. Uma vez que, ainda esteja alheio de toda instrução. O menino deverá ser conduzido de forma a perceber se bem entendeu ou se enganou assim ele poderá cometer alguns erros, mas depois os reconhecerá e retificará.

“Aqui entra outra conveniência do sistema mutuo: O menino encarregado de dirigir outro, por isso mesmo se exercita em refletir e entrar em si, e assim se torna mais capaz de guiar-se; pois não poderá apontar ao camarada, o que este deve fazer, sem que a si mesmo pergunte como obraria em caso igual. O emprego do Monitor é tirocínio para a razão” (Degerando, 1839, p. 117).

Aos que acharem que muito se está pedindo para uma escola de primeiras letras, o autor responde que as chamadas operações mecânicas de ler e escrever requerem exercícios corporais, serão melhor executadas quando não forem meramente mecânicas e sim ajudadas pelo concurso da inteligência. A instrução na escola de ensino primário pode e deve ter maior abrangência do que comumente se supõe – este será assunto para a próxima conferência.

Sétima conferência

Continuação do precedente assunto - Instrução nas Escolas de Primeiras Letras

São duas as relações para a instrução nas escolas de ensino primário ao se atender as necessidades dos meninos que nela vem buscar: as necessidades pertinentes à sua idade; e as relativas às condições a que são destinados.

Na primeira relação, a escolas de ensino primário devem oferecer os primeiros e mais simples elementos de educação. Com metas determinadas, tanto pela capacidade do aluno, quanto pelo tempo que ele deverá permanecer nela. Na segunda, a escola deve oferecer os conhecimentos indispensáveis a todos, deve preparar esses meninos pobres para a penosa vida que os aguarda. A instrução deve limitar-se aos conhecimentos elementares, pois que se ultrapassar estes limites a criança a receberá incompleta e superficialmente. O autor justifica estas colocações, alegando que “o conhecimento quando dado a quem, por seu destino, não é chamado a usar deles só servem para perturbar o espírito, inspirar desejos inquietos e sugerir pretensões impossíveis de satisfazer.

A instrução primária nas escolas se divide em dois ramos: conhecimentos – que ensina máximas de moral, princípios religiosos, geografia, historia, elementos de historia natural, de geometria, pesos e artes que ministra instrumentos de leitura, escrita, gramática e cálculo, desenho, cantoria, agrimensura e ginástica, e segue descrevendo a utilidade e importância de cada uma dessas áreas. Mas aqui não nos deteremos a elas.

Há duas espécies de ignorância, ora desconfiada, ora presunçosa. A ignorância desconhece as causas reais dos acontecimentos e adota explicações com suposições arbitrarias.

“A fé na feitiçaria não será consequência da ignorância das leis mais simples da natureza? Será outra coisa a superstição mais do que a ignorância das verdadeiras relações entre o homem e o seu criador?”
(Degerando, 1839, p. 137).

Aqui se coloca a importância da missão dos professores. A única forma de prevenir a sociedade deste males é preveni-la desde a origem. Deve-se ensinar aos alunos que tudo é regido por leis certas, constantes e gerais emanadas da suprema inteligência. Dar-se-ia profundo convencimento desta verdade mostrando todos os dias, que os acontecimentos mais extraordinários são efeitos de leis ordinárias.

Questiona-se quanto ao tempo de permanência dos meninos na escola como insuficiente para tantas coisas. Trata-se de um erro o professor de ensino primário acreditar que tenha concluído seu papel depois de ter distribuído o trabalho, dado os

sinais, dirigido os monitores, velado na ordem dirigido os movimentos, pronunciado os castigos e decretado os prêmios. Será necessário desenvolver com os alunos práticas livres e familiares que tenham por objeto estimular e satisfazer as curiosidades dos alunos.

Ao concluir esta matéria, faz uma observação: para que a instrução seja sempre saudável é necessário cuidar para que nunca se apresente aos meninos como instrumento de vaidade, que se apresente como objeto de melhoria e nunca como objeto de ostentação, que aprenderão para uso próprio e para ser útil aos outros, mas nunca com o objetivo de dominação. A verdadeira instrução torna o homem modesto porque lhe mostra que ainda ignora muitas coisas.

Oitava conferência

Continuação do mesmo assunto – Método na Instrução Elementar

Os sistemas gerais que presidem à organização das Escolas de Instrução Elementar se referem a três formas principais: ensino individual, simultâneo e mútuo.

No ensino individual cada aluno recebe diretamente as lições do professor; ainda que haja grande número de alunos na mesma sala, são poucas as orientações que o mestre dá em comum, ele vai de um em um, passando a lição e a corrigindo. No simultâneo, o professor instrui e dirige ao mesmo tempo certo número de alunos, através do mesmo sinal e da mesma palavra, e os alunos executam as mesmas coisas ao mesmo tempo. Entretanto, como nem todos os alunos da escola tem a mesma capacidade, nem começa no mesmo dia tão pouco se adiantarão tão rápido, a escola está dividida em certo número de classes nas quais os alunos são distribuídos segundo suas capacidades. Neste ensino (simultâneo) como no individual estabelece relação direta entre o mestre e o discípulo.

“O ensino chamado mútuo interpõe entre mestre e discípulo certo número de monitores, tirado dentre os mesmos alunos: por este meio permite fazer com que desapareça a separação das classes, e se introduza na mesma classe muitas subdivisões, que não sofria o ensino simultâneo. Permite também individualizar a direção e a vigilância. sem transtornar a harmonia do todo” (Degerando, 1839, p.146).

O ensino simultâneo foi criado pelo cônego Lasalle.

“O ensino mútuo havia já sido praticado pelos antigos, recomendado na França pelo Sabio Rollin, executado em Paris desde o século passado por Herbault, pelo Cavalheiro Paulet, pelo bom padre Gaultier, que de novo descobriu na Inglaterra o princípio em que se funda este ensino. Organizaram Bell e Lancaster este systema em duas diferentes formas, desenvolveu-no em maior escala, e ali foi estudado por alguns franceses filantropos que o trouxeram para o meio de nós. Brevemente em 1815, foi naturalizado na França com diversas modificações...” (Degerando, 1839, p. 145-146).

A individualidade no ensino (método individual) apresenta uma vantagem: permite adaptar o ensino às capacidades do aluno e proporcioná-lo constantemente a seus progressos. Como o mestre tem de repartir seus cuidados com certo número de alunos, cada aluno tem de ficar entregue a si mesmo por certo espaço de tempo, privado de direção e vigilância. O número de alunos é limitado, pois tanto maior o número maior o tempo em que ficarão aguardando o mestre lhes dedicar atenção.

O ensino simultâneo é superior ao individual, pois o mestre do método simultâneo se dirige a classe toda, que o ouve. Há, portanto, maior rapidez nas operações, pois o tempo e as forças do mestre são distribuídos com maior economia e a harmonia de seus trabalhos mantém a todos em natural disciplina. O problema está em classes numerosas em que os alunos não estão no mesmo nível de adiantamento; os mais fracos ficam para traz e os mais adiantados são convidados a parar para esperar seus companheiros.

“O ensino mútuo obtém maior simplicidade e economia de meios; porque um único mestre basta para todas as divisões da escola, e nós vemos até quinhentos discípulos com um único professor, sem a menor confusão, incerteza ou demora. O ensino mútuo, pela classificação que introduz nos discípulos, permite distribuí-los segundo seu grau exato de capacidade atual. Reúne à simultaneidade na direção e vigilância geral verdadeira individualidade de ação da parte de cada aluno: observa cada aluno - seus iguais e é por este observado; o menino tem que empregar a todo momento todo esforço de que é capaz; sobe, desce, torna a subir ao nível de seu merecimento. Reúne por tanto este ensino ao mesmo tempo os proveitos da simultaneidade e os da individualidade; tira de um a simplicidade das molas, e do outro a energia da ação, e tem o eminente mérito de chamar cada menino constantemente a fazer uso de sua forças” (Degerando, 1839, p. 147-148).

Nos dois primeiros modos de ensino o professor conserva relações mais diretas com os alunos. No ensino mútuo sua ação é menos imediata,

“ele obra pelo órgão dos monitores, nele respira e por eles se multiplica; é ele quem os forma e dirige. O aluno no exercício de monitor recorda o que já aprendeu e dá conta disso a si mesmo: assim se confirma e aperfeiçoa no que já sabe. As trocas que se efetuam entre os alunos duplicam as forças de cada um” (Degerando, 1839, p. 148).

O método deve estar, por um lado, em conformidade com a lição ensinada, e por outro, com a disposição de quem estuda; e o melhor método é aquele que melhor satisfaz estas duas condições. O professor que bem souber o que ensinar e a capacidade do discípulo que instrui, por si mesmo achará o método conveniente. Há métodos de classificação e métodos de dedução. O método tem dois fins: Ao mesmo tempo em que deve conceder às disposições infantis todas as atenções necessárias, não deve conceder coisa que passe além. Não é o melhor método o que ensina o menino a conseguir instrução, mas aquele que o força a estudar, ajudando-o no estudo. O método para o mestre deve ser assistência e não prisão, não devem se sujeitar a ele com cega rigidez, mas usá-lo livremente e acomodá-lo às circunstâncias.

O método da Intuição – oferece a “coisa” em lugar da definição, os fatos em lugar das convenções.

O método usado por Pestalozzi para ensinar aritmética, em lugar de noções abstratas de números, e de fórmulas que exprimam suas relações, mostra aos meninos as mesmas quantidades, personalizadas em objetos semelhantes, que são fáceis de contar a primeira vista. Usando de tabuleiros eles decompõem da mesma forma que compuseram as quantidades de bolas, somam e diminuem. Pode-se obter o mesmo resultado com qualquer outra coisa, pãezinhos linhas de diferentes tamanhos e cores.

Portanto, pelo método da intuição, segundo o autor, se forma a educação do bom senso. Exercícios de intuição dão condições para o aluno a passar sem mestre, e nesta necessidade se acham a maior parte dos meninos das escolas de primeiras letras.

No passado o ensino se dava através de perguntas e respostas. É importante deixar o menino perguntar por que isto é próprio de quem ignora e deseja saber. Quando o aluno fizer perguntas fora de propósitos, convém mostrar-lhe que se afasta de seu

caminho ou que aspira saber o que está acima de seu alcance. Um novo método se faz, quando professor perguntar a seu aluno e ele não souber responder, significa que as explicações dadas não foram suficientemente claras ou que o menino ainda não está pronto para elas, então não a assimilou. Então o mestre tem que rever suas explicações.

Nona conferência

Educação moral nas Escolas de Primeiras Letras

Segundo o Barão Degerando a educação moral domina toda educação do homem, uma vez que forma o caráter, faz frutificar a educação física e intelectual. Como o menino imita tudo o que vê, convém que lhe seja dado bons exemplos para imitar. Aos irmãos mais velhos, que já freqüentam as escolas, é preciso ensinar como devem se portar com os irmãos mais novos, para que os mais velhos, de certa forma, ensinem os mais moços também.

O autor sugere que se façam salas de asilo para a infância – para que a primeira idade de infância goze dos benefícios da boa educação. Os meninos que chegarem para os cuidados do mestre e que já possuírem os cuidados maternos apenas necessitarão que o mestre continue o trabalho. Mas haverá aqueles cujos pais não tiveram tempo, vontade ou capacidade para se dedicarem a eles, nestes já terá se instalado a educação da desordem e do vício; neste caso caberá ao professor destruir os hábitos adquiridos e purificar as manchas.

“O menino desprezado não só fica para trás, como é impossível que não ganhe alguns defeitos: no desamparo em que é deixado, o egoísmo e a preguiça se aproveitarão da ausência de toda boa direção ou vigilância” (Degerando, 1839, p. 179-180).

O primeiro trabalho do professor ao receber estes discípulos é estudar o estado em que chegam e depois curar o passado e procurar fazê-los melhores para o futuro. Tudo isso com a compreensão do professor, pois estes meninos não têm culpa dos males que os outros lhes causaram.

Entre os meninos que freqüentam as escolas de primeiras letras alguns poderão estar abatidos por cedo terem sido expostos as humilhações da condição pobre e de condição dependente, longe de serem acometidos pela ambição de dominar, são

acometidos pelo desalento. Estes deverão ser relevados aos seus próprios olhos, restituindo-lhes a confiança em si mesmos. Assim, irão obter dos companheiros o respeito que merecem, e ao menos na escola esquecerão as desgraças que lhes pesam oriundas da condição social a que estão submetidos. Estes são um dos mais sagrados objetivos da atenção do professor para com seus alunos. Se alguma diferença se fizer, esta deverá ser toda em favor dos menos favorecidos com a compensação de seu infortúnio.

Melhor do que discurso caberá ao professor os recursos da ternura. Ele deverá amar seus alunos, somente assim os ensinara a amar também. O menino conhece quando é amado, por que lê nos olhos e nos modos e se afeiçoa por quem se vê amado e protegido. Que esta benevolência do mestre acompanhe o menino até fora do circuito da escola. Se ele adoecer, que o professor o visite se for maltratado que se interceda por ele, se tiver desgostos que seja consolado. E que esta doce influência continue. Que nada se despreze em ganhar a confiança dos alunos, pois que esta abre o coração e dispõe para a afeição.

“Amam-vos uns aos outros”, propõe o autor por fim, para que esta seja a alma das relações nas escolas entre os alunos e aos professores. Algumas vezes os alunos poderão estar melancólicos, abatidos e desanimados sem motivo aparente; em outras, poderão estar em singular estado de irritação; as razões podem ser externas ou internas, as conseqüências do regime de vida em que estão acometidos. Porém, o professor se encarregará, quando lhe for possível, de conservar em seus alunos a serenidade, por esta ser condição indispensável a felicidade deles e do sucesso em seus estudos.

Décima conferência

Continuação da mesma matéria. – Como pode inspirar o Professor de Primeiras Letras aos discípulos o sentimento de seus deveres.

Segundo o Barão Degerando, cabe agora aos mestres, depois de terem purificado as inclinações de seus alunos, desenvolverem neles a mais sublime das virtudes morais: a consciência – aquela voz interior que faz diferenciar o bem do mal e “revela a sagrada autoridade do dever”. Assim, seria um erro o mestre supor que esta tenra idade não seja capaz de ter o verdadeiro sentimento de dever, que só se deixam levar da autoridade e imitação. A voz da consciência só é ouvida no silêncio da reflexão. O que ocorre a estes meninos nada mais é do que distração e não falta de sentimento moral; é falta de

exercício e não incapacidade. O momento em que entram na escola é o ideal para começarem com eficácia esta importante educação. Nesta idade já são capazes de diferenciar o que é digno de louvor e o que é digno de repreensão, se forem convenientemente dirigidos para isto. Portanto, cabe ao professor presidir as primeiras advertências pelas quais se ensina a consciência a se manifestar.

O autor compara a missão do professor ao do sacerdócio moral. O professor, segundo ele, poderá gravar com indelévels caracteres as regras do dever nas alminhas de seus alunos. E propõe como fazê-lo ao desempenhar sua missão: enganam-se os que crêem que seja apresentando aos alunos de modo geral e abstrato as regras da moral; é por se cometer este tipo de erro que os professores são injustos com seus alunos.

“Anda a lei do dever impressa no fundo d’alma, o menino dará com ela logo que possa entrar em si. Ajudemô-lo a ler neste livro interior, preparemô-lo pelo sossego do coração e silêncio exterior para esta séria reflexão (...). Tiremos esse exemplo da experiência a seu alcance: escolhamo-lo a princípio nas ações de que ele for imparcial testemunha, e ao depois nas que lhe dizem respeito. Façamos-lhe mais que tudo notar bem as intenções que as inspiraram, e as conseqüências por elas produzidas. Se lhes der conveniente atenção, não deixará de aprovar umas e condenar outras; de louvar ou repreender seus autores”
(Degerando, 1839, p. 202-203).

Mais adiante, deverá o professor tirar seus exemplos de suas ações, aguardando que o aluno a possa julgar com animo tranqüilo. Assim, animado de franqueza e sincera boa fé, ele será feito juiz de si mesmo. Através destas práticas o professor conseguirá despertar em seus alunos a voz da consciência. Para tanto será preciso estabelecer com ele íntima comunicação e, por conseguinte ter obtido sua confiança. Com objetivo de se cultivar a moral nos alunos, deve-se, ainda dar-lhes bons livros, para que através da boa leitura continuem a receber saudáveis instruções de moral. O autor continua propondo aos mestres para que apresentem aos discípulos imagens do bem, ensinando a virtude através de modelos da mesma virtude. Mostrando fielmente, lhes parecerá natural e amável e facilmente a seguirão.

Sobre a autoridade moral, propõe que seja bem conhecida dos discípulos. É preciso que esta seja nutrida no coração infantil, não sendo alterada com servilismo ou temor. É preciso fazer com que os alunos abracem e “amem a obediência, como justa e natural de

sua fraqueza” (p. 208). A autoridade arbitrária será dominação. A ameaça de castigo que não se justifica pelo erro cometido nada mais é do que violência; recompensa que não se fez por merecer é apenas favor. Ao professor, solicita-se que nunca use da autoridade nele depositada, senão em favor de seus alunos. Pois, quanto mais respeito tiver de seus alunos, tanto mais serão obedecidos.

Nesta parte, embora o autor diga que não repetirá as máximas encontradas nas obras de educação, ele coloca que é melhor recorrer aos estímulos dos prêmios do que a repressão das penas. Tanto os prêmios quanto as penas não devem ser freqüentes a fim de não se enfraquecer sua eficácia. A aplicação de castigos não deve ser acompanhada de impaciência e cólera, mas deve ser pronunciada com serenidade; e todo castigo brutal deve ser severamente vedado. Punição e recompensa não devem ser nem muito precipitados nem muito demorados, mas sempre em tempo oportunos, e finalmente punindo ou premiando o menino, não se devem considerar os efeitos que procederam de sua ação, mas sim os motivos que o induziram a agir. O autor insiste na necessidade de manter o castigo e o prêmio como caráter moral com que munem a autoridade. O prêmio e o castigo nunca devem ser um fim que o menino aspire ou fuja, devem ser luz que os levem a refletir, ajudando-os a entrar em si mesmos e descobrir a razão do mérito ou demérito de suas ações.

“Maus tratos, pancadas e de tudo quanto aterra a imaginação do menino, irrita-o e desanima-o sem que o ensine a cerca de suas faltas. Certas privações a propósito, sem que sejam cruéis, são custosas ao menino, dispõem-no a entrar em si, e sossegam sua agitação: imobilidade e solidão produzem particularmente este efeito” (Degerando, 1839, p. 213).

Em certas ocasiões, apenas o elogio ou a repreensão, para meninos ‘briosos’ bastarão para constituir a mola da disciplina. A advertência pode ser dada pelo mestre ou pelo condiscípulo, mas vinda do mestre tem maior peso pela superioridade do autor. Não convém abusar muito nem do elogio que poderia dar lugar a vaidade, nem da censura que poderia incitar a afronta. Devem-se dar indulgências as fraquezas humanas, em especial as dos meninos que se achegam as escolas dadas as suas idades e as circunstâncias em que estão. Deve-se desculpar o que apenas nasce da falta de experiência, leviandade e dissipação; e agir com rigor contra aquelas que denunciam astúcia, cálculo e hipocrisia.

“Quando o menino somente obedece a algum hábito anterior, (...) ou quando ainda não pode adquirir habito necessário, o justo é fornecer-lhe meios, do que tratá-lo severamente” (Degerando, 1839, p.215).

Pode haver prêmio perpétuo, mas que o castigo acabe logo que haja arrependimento.

Undécima conferência

Educação religiosa. – Parte que nela deve tomar o Professor de Primeiras Letras

Através da religião o homem se reconhece filho de Deus. A educação religiosa é necessária a infância, pois ensina ao menino a ser reconhecido e a ter confiança no ser Superior – regulador de seu destino. Ela protege a criança dos hábitos e paixões e do contágio dos vícios.

“Conserva a paz do coração, o sossego dos sentidos, a serenidade do espírito, a retidão do juízo; abre assim caminho a razão, ao mesmo passo que conserva os penhores da felicidade” (Degerando, 1839, p. 220).

O menino andando na presença de Deus aprende a velar melhor sobre si mesmo, e faz com mais boa vontade o sacrifício que lhe é ordenado, oferecendo-o a aquele de quem recebeu todos os bens. A educação religiosa é o mais poderoso auxílio para a educação moral dos discípulos. Estes melhor obedecem confiando na divina vontade.

“A religião é a primeira necessidade de todos; tem socorros especiais para todas as precisões, e utilidade relativa para cada estado de vida; necessária ao grande para preservá-lo do orgulho; ao rico para ensinar-lhe a moderação, e ao indigente para sustentar-lhe contra o abatimento e escudá-lo da desesperação” (Degerando, 1839, p. 222-223).

Conforme as palavras do autor, os discípulos encontrarão na religião novas forças estímulos para seus esforços; e explicações sobre o mérito das provações a que são chamados; consolações para todas as suas penas. A religião é amiga dos pobres, e apresenta um futuro de felicidade aqueles que perderam as esperanças. Os professores precisam tomar uma medida preliminar, certificarem-se com os pais em que culto

querem educar seus filhos. Não se pode esquecer que o professor deve atender como em tudo o mais, as condições que são requeridas pelas famílias. A confiança destes seria traída se fossem dadas direções contrárias a intenção de seus pais. Dessa forma, deve o professor absoluto respeito a profissão de fé religiosa do discípulo que recebe na escola.

As verdades religiosas deverão ser mostradas de forma amável e risonha, própria para inspirar confiança e alegria e derramar serenidade no coração. Deve-se ensinar aos meninos a oração do coração, que exala em todos os momentos da vida; a respeitarem as práticas exteriores – de importância secundária - que são fórmulas expressões da religião, mas não era a religião. Candura, retidão, desempenho das obrigações devem ser sempre a melhor maneira de honrar a Deus.

Duodécima conferência

Como proceder o Professor de Primeira Letras no ensino dos Deveres.

A primeira recomendação proposta pelo barão, para ensinar os meninos aos cumprimentos dos verdadeiros deveres, consiste em evitar obrigações factícias. Não se deve dar ao menino um código de moral muito extenso, pois só o assustaria. Isto seria exigir uma forma de proceder para a qual ainda não estão aptos a aplicar. Cada coisa deve ser ensinada em tempo e lugar próprio. Pode-se se escolher algum preceito, alguma circunstância que traga ocasião natural para isso, que os faça entender sua aplicação, que experimentem os efeitos do esquecimento ou cumprimento de um dever.

A primordial tarefa do mestre para levar os meninos a perseverarem na virtude está baseada em três ações: preservá-los dos vícios que ainda não adquiriram preservar a doce inocência típica dessa idade; corrigi-los de algum defeito que comece a aparecer, e que os avisos e conselhos sejam mais sérios caso o discípulo se recuse a segui-los e finalmente instruí-los em seus deveres.

Os meninos começam a mentir por mero gracejo, depois acaba se tornando vício, fazendo-os perder o respeito a verdade. Nesta situação, a vigilância do professor deve aumentar, a fim de extirpá-lo logo que desponte. Deve-se por em primeira linha o dever da verdade e da sinceridade. Que o sucesso é recompensa dos que são fieis a verdade. Na seqüência o autor segue discorrendo sobre as razões que levam o discípulo a mentir e que o professor terá que corrigi-los, mostrando que a franqueza e a retidão de caráter precisam prevalecer para que se tornem pessoas de bem.

A segunda ordem de deveres que se apresenta é que, aos meninos, deve-se ensinar a obrigação de respeitarem tudo o que for digno de respeito. Une-se a este respeito: piedade filial, veneração a virtude e a sabedoria, respeito e obediência aos mais velhos, submissão a autoridade publica, obediência a superiores e mestres, e respeito a ordem estabelecida.

Contudo, há duas espécies de deveres: a negativa, que consiste em abster-se de tudo que possa prejudicar a sociedade; e a positiva, que consiste em servir a comunidade em tudo o que possa ser. As crianças são chamadas a desempenhar a primeira, mas podem ser gradualmente preparadas para conhecer a segunda, para satisfazê-los mais tarde, quando estiverem de posse de todas as suas forças.

Quando os meninos puderem entender sobre os direitos políticos, devem ser preparados para conceber sobre os direitos políticos. Não basta que conheçam as leis, é necessário que amem as leis de seu país, que não confundam interesses com direitos, pois ambição e vaidade tendem a fazer tomar por direito real os interesses que querem satisfazer.

Décima terceira conferência

Como trabalha o Professor de Primeiras Letras em fortificar o caráter dos meninos

O homem pode governar a si mesmo e a Educação Moral é responsável por preparar o menino para este tipo de governo. Os meninos que entram para a escola querem do mestre não que lhe prolonguem a infância, mas que os preparem para a vida adulta. Portanto, a educação primária deve ser uma espécie de escola moral onde o menino se acostume a lutar e vencer. Os alunos necessitam da força de caráter para serem capazes de moderação, e tanto mais necessidade dela terão, quanto mais forem destinados a sofrer privações. Há dois modos de receber as privações: uns a suportarão pela necessidade e pela violência, outros, as aceitarão voluntariamente pela moderação. Quem sofre privações contra a vontade está impaciente para se livrar delas; busca compensar-se de todas as maneiras possíveis, e apenas com olhos invejosos vê situações mais ditosas. Ao contrário, o segundo se consola do sacrifício, sabe abster-se de desejos, os quais as circunstâncias negam meio de satisfazer, ele está contente com seu estado, sua alma conserva sossego e serenidade, pois a força que o faz resistir às tentações e seduções é toda interna. Ensina a abster-se e não abusar. As progressões que a

civilização tem introduzido na sociedade humana mostram que a modificação dos desejos conserva a paz publica e permite que a felicidade seja patrimônio de todos.

O autor coloca que é importante que essas crianças que vem a escola e estarão aos cuidados do professor e logo se dispersarão pelos diversos caminhos da sociedade, aceitem a humilde condição que lhes cabe na vida. Para tanto a moderação será algo tão universal como indispensável. E só a conseguirão se aprenderem a domar-se. Pois, será muito mais fácil evitar fúteis ambições do que depois sarar delas.

Os meninos depois que deixarem a escola e os cuidados do mestre sofreram os reveses da vida, estarão expostos aos erros e injustiças, e cedo ou tarde perderão os afetos da família que os consolam na adversidade. Diante disso, será importante que sejam preparados, durante o tempo em que estiverem na escola, a sofrer com resignação as contrariedades, a não se deixarem arrebatados pela cólera, e não se deixarem quebrantar pela tristeza.

“Eles, por outra parte serão chamados à grande vocação de homens, de cidadãos, de franceses, (Brasileiros); alguns pediram serviços a pátria, talvez nas filas do exército de linha...” (Degerando, 1839, p. 279).

O autor responde a pergunta que ele mesmo se faz, de que, se quer formar heróis com essa proposta de educação. Ele responde que quer formar heróis sim, mas heróis de um heroísmo desconhecidos no mundo. Heróis que lutem contra a própria sorte e dela triunfem por saberem vencerem-se a si mesmos. Neste lugar, os seres sabem abster-se, conhecem a simplicidade dos gostos e a constância dos esforços. Muitas virtudes ocultas reinam no meio desses homens laboriosos, que se contentam com pouco, não se queixam de sua sorte e não sentem inveja.

A aquisição do caráter que esses meninos em tenra idade ainda não possuem, ocorrerá lenta e gradualmente, ainda que sejam breves as horas em que passem na escola para estudo, todas as circunstâncias durante esse período poderá ser aproveitada para esse fim. Esta vigilância não deve intimidá-lo, deve ser sentida apenas como uma testemunha que o observa.

“Aqui tendes por tanto um dos bons efeitos do Sistema Mutuo. Nele cada discípulo é conservado constantemente em ação, posto sob vela habitual e fácil, que nada tem de violento ou importuno. Os sinais

dados são outros tantos estimulantes que o chamam a si, e o advertem do que devem fazer. Ele tem de ocupar um lugar, de desempenhar um papel. O monitor encarregado de abrir os olhos sobre seus discípulos deve primeiro que tudo saber observar-se a si mesmo. Depositário de uma porção de autoridade deve, para que o respeitem seus iguais, conter-se, domar-se e mostrar tranqüilidade, circunspecto e ao mesmo tempo acutelado e atento. O Monitor voltando as fileiras dos simples alunos exercita sobre si mesmo o maior império, depois de haver mandado aos outros” (Degerando, 1839, p. 285).

Aconselha o autor ao mestre a evitar expor os alunos a impressões fortíssimas e afastar deles o que lhes possa causar terror e susto. Pessoas ignorantes costumam se aproximar destes meninos de tenra idade e causar-lhes medo com imagens de perigo a fim de sujeitá-los e contê-los. O mestre deverá livrá-los destas mentiras, esclarecer-lhes a razão e restituir-lhes a segurança. Pois que “o homem em geral teme o que ignora” (p. 287).

Décima quarta conferência

Algumas molas da Educação. – Hábito e Imitação

Segundo o autor, o hábito é uma disposição adquirida, que facilita a disposição de certos atos. O hábito exerce influências sobre os órgãos exteriores, sobre a percepção e a vontade e ocupa parte considerável nas três ordens da educação: física, intelectual e moral.

O professor deve ter em vista o futuro do discípulo e atentar para que ele adquira agilidade, destreza e habilidade para trabalhos manuais; deve ainda, velar pelos passos, porte e postura do menino. Sendo que desta idade se adquirem hábitos que irão executar quase involuntariamente, podendo ser defeitos exteriores, que estão sujeitos a adquirir, e dos quais, depois, lhes será quase impossível se libertar.

O autor compara os benefícios de se desenvolver hábitos de movimentos mecânicos com o corpo com a obediência que o animalzinho domesticado atende a voz de seu dono, ao sinal acostumado. “a vista do Mestre, o assobio, a varinha do monitor imprimem em nossas escolas movimento geral e veloz em todos os exercícios dos discípulos” (p. 295). Desta forma o professor encontrará meios para enfraquecer certos defeitos. Cura-se o menino da distração ao afastar dele os objetos que o levam a distrair-

se. “Não basta, pois que o professor instrua, cumpra, além disso, que, por maior ou menor perseverança, com incansável paciência confirme a instrução pela conveniente repetição dos mesmos exercícios, de modo que o discípulo retenha o que houve aprendido” (p. 296). Geralmente os meninos se esquecem o que aprenderam, então, é útil repassar com eles, de tempos em tempos, as coisas que já estudaram para lhes refrescar a memória. A fim de ajudar o mestre e o discípulo neste trabalho, o autor propõe que se faça uso de combinações para ajudar sobre a recordação de idéias. Cita a cantoria como forma de conservar na memória as palavras cantadas. O professor antes de fazer o aluno decorar as lições deverá fazê-los entender.

A educação dos meninos não se faz com as lições do mestre, mas sim com tudo quanto lhes chama atenção. Nisto está o poder da imitação sobre os meninos. (Sendo estes naturalmente inclinados a imitação). A imitação concorre para tornar duráveis as tradições e os costumes, e, nas mãos dos professores, ela será ferramenta da qual poderá usar e abusar.

Entre a lei da imitação e a lei do hábito há algumas relações: a imitação das ações dos outros tem o mesmo efeito que o hábito gera pela repetição. Fica mais fácil fazer o que vemos fazer. Assim, “a imitação é a segunda mestra da infância, ou melhor, a primeira, pela primazia de lugar, dada a superioridade de influencia” (p. 310). É ela quase quem ministra, para o menino, a língua materna; pela imitação, herda os costumes daqueles com os quais convive. Entretanto, adota sem reflexão sem escolha todos os hábitos que o rodeiam. Por essa razão, os meninos dependem de seus pais e colegas muito mais do que dos professores. Portanto, aos professores pede o autor que trabalhem sobre as crianças mais com seus exemplos, suas ações do que por seus discursos.

Décima quinta conferência

Continuação da matéria antecedente. – Trabalho e Ordem

É preciso considerar que nunca é cedo para começar a educação do trabalho. Por ser o trabalho uma vocação natural do homem, já se trata de um elemento da educação. Para o menino o trabalho é um verdadeiro ensino, pois que lhe explica importantes verdades, uma vez que lhe recorda que a criatura humana não foi colocada sobre a terra para viver ociosa e estéril, mas sim para ser útil, através de ações fecundas e resultados duráveis. O professor deverá começar esta importante lição para que o menino

compreenda como o trabalho é o agente que produz bens, o fará notar nas operações do trabalho, a aplicação das faculdades de que o homem é dotado. O professor fará o discípulo perceber a íntima satisfação que sente a consciência depois de ter gasto um dia utilmente. Em geral, as pessoas mostram para os alunos o trabalho como sendo um cálculo, mas segundo o autor, nestas escolas, o trabalho deverá ser entendido como virtude. A ociosidade deverá ser desprezada e o trabalho exaltado.

Ensinar desde cedo aos meninos o gosto para o trabalho é muni-los contra o tédio, a miséria, a desordem e os vícios. O menino ocioso não tendo o que fazer se tornaria incapaz e cairia numa espécie de idiotismo e se ceder a natural inclinação de sua idade, acabaria entregue em uma desregrada agitação, que prejudicaria a si mesmo e aos outros. Seria pouco agradável para quem observa ver estes meninos, por descuido de seus pais, deixados o dia todo em lugares públicos, em vadiagem, desperdiçando um tempo importante para a construção de um futuro melhor.

Degerando acredita que dar desde cedo o gosto ao trabalho aos meninos os dotaria de novas forças, os prepararia para novos adiantamentos, e daria novo desenvolvimento a sua educação física, intelectual e moral.

“O trabalho manual, quando contido em justos limites e com as convenientes condições relativas a saúde, é excelente regimento higiênico, só por ser exercício regular e constante; porque favorece todas as funções dos órgãos da vida. Se certos ofícios totalmente sedentários são opostos a saúde, não é o trabalho que neste caso prejudica, mas a circunstância que o acompanha” (Degerando, 1839, p. 320).

No trabalho manual supõe também o uso da inteligência. O professor deveria se aplicar em fazer intervir no exercício da atenção outras faculdades do entendimento para aperfeiçoar o mesmo trabalho. Os professores deveriam também, tanto quanto for possível, combinar nos meninos, trabalho do corpo com o trabalho do espírito, pois que estas duas ocupações alternadas simultaneamente seriam prodigiosas colaborações uma para com a outra. Os mestres precisam despertar em seus discípulos esse espírito de indústria, “que se ensina a fazer com perfeição o que se faz; que desenvolve atividade e cria recursos, multiplicam meios, inventa, aperfeiçoa, e do qual, seja qual for sua profissão algum dia, colherão muitas utilidades no decurso da vida” (p. 322). Convirá que se cuide graduar as dificuldades destes meninos, não lhes pedindo outros esforços

além de suas possibilidades, mas seguindo sempre progressivamente. Esta espécie de educação da indústria é uma importante prática para os meninos que freqüentam as escolas de primeiras letras, da qual poucos são os mestres que se ocupam dela.

O professor dando ao discípulo o gosto e hábito pelo trabalho lhe ensinaria a bem trabalhar, ou seja, a fazer cada coisa com método, a trabalhar com perseverança, a acabar e a aperfeiçoar, adestraria as mãos, aprenderia a comparar uma obra imperfeita de uma oficial – um produto acabado e bem feito. Assim, o professor faria com que o aluno notasse que o bom método de trabalhar dobra as forças do trabalhador, poupando-lhe a fadiga. Dar aos meninos o gosto pelo trabalho é dar-lhes a melhor direção de suas faculdades morais, formando-lhes o bom costume e no ministério de muitas virtudes.

O trabalho e a ordem são professores mudos, benfeitores da infância. A ordem de acordo com o autor classificaria, distribuiria e regularia cada coisa, sendo oposta à confusão e ao acaso. Sendo eminente conservadora, uma vez que para preservar as coisas de destruição e fazer com que durem seria preciso colocá-las em ordem; desejando achá-las quando delas se necessitar há que se arrumá-las; para poupar tempo – um dos mais preciosos tesouros, e se ordenar o emprego dos momentos e a distribuição do dia. Assim, a ordem, governa a lógica, e ajuda os meninos a bem julgar; forma-lhes a razão, e aponta-lhes os caminhos em que sua instrução deverá ocorrer.

Diante disso, o autor recomenda ao Professor de Primeiras Letras a organizarem suas escolas segundo uma ordem material agradável aos olhos; que incitem seus discípulos a estabelecerem e conservarem a boa disposição de todas as coisas (a distribuição pelos lugares e tempos convenientes). Também pede que façam seus alunos notar a utilidade que tiram da prática da ordem em cada circunstância da vida. E para que ganhem gosto pela ordem não há melhor coisa do que o sentimento do belo. O professor deverá fazer as boas escolhas de modelos para os meninos; desenvolver neles o sentimento de amor da verdade e respeito às leis da moral.

Décima sexta conferência

Últimos conselhos aos Mestres de Primeiras Letras

1º - Os professores devem estudar bem os meninos, quer as disposições pertinentes as suas situações e idade, ou às disposições individuais que constituem as variedades dos espíritos. Não devem fazer o mesmo juízo a respeito de todos, nem medir a todos pela mesma medida; alguns possuem excessiva viveza e precisam ser aclamados e

moderados, enquanto que outros estão entregues a hábitos de moleza e desleixo e necessitam ser despertados. Estas disposições logo se anunciam aos olhos do professor experiente e observador.

2º - Os professores devem dar aos meninos idéias justas de felicidade; protegê-los das numerosas ilusões a que os expõem as impressões dos sentidos. Devem ensiná-los a gozarem dos bens que estão ao seu alcance, a desfrutarem as verdadeiras alegrias dadas pela providência divina, que são alegrias de maior valor por serem alegrias comuns.

3º - Os professores devem fazer pelos meninos todo bem que puderem para muni-los de provisões necessárias a toda uma vida, visto que, o tempo em que mestre e discípulo ficam juntos costuma ser muito curto e passando muito rápido. O melhor modo de poupar tempo será trabalhar com perseverança e método, para não precisar voltar atrás e repetir as mesmas coisas.

4º - “Não posso separar-me de vós, amados Ouvintes, sem que de novo vos convide, a que empregueis todos os meios que estiverem em vossas mãos, para manter a concórdia entre os membros da familiazinha de que cada um de vós tem de ser cabeça. Fiquem esquecidas fora do limiar da escola as diferenças de idade, condição, profissão e fortuna...” (p. 339).

5º - Os professores devem bem organizar suas escolas, como meio de estabelecerem sua autoridade e conservarem a boa ordem e estabelecer entre os discípulos troca de mútuos socorros. Na formação das classes devem multiplicar os círculos dos meninos, de forma que reúnam em cada operação somente os alunos aptos a executá-las; graduando essas classes e essas divisões de modo, que a escala de progressão não se interrompa, e que as escolhas de Monitores dêem ocasião de empregar alternadamente os alunos que a merecem, a fim de que se estabeleça entre eles generosa emulação.

6º - Parte menos essencial das obrigações do mestre que se exercita fora da escola, pela ação individual do mestre sobre cada discípulo. Esta parte é ignorada pela maioria dos professores e se torna a mais importante porque nos sistemas adotados nas escolas impede relações mais diretas entre alunos e professores como ocorre, por exemplo, no método do ensino mútuo.

“Em práticas particulares como cada menino aprenderia do professor a bem conhecer as ocultas disposições daquele, a obter sua confiança, a ler-lhe no fundo do coração, a dar-lhe avisos, consolações e estímulos, a esclarecê-los a respeito de suas faltas e a relevá-lhas. Não se limita

o ministério do professor a ser guarda da escola, mas a dar em sua pessoa a cada estudante um pai adotivo e verdadeiro amigo” (Degerando, 1839, p. 340-341).

7º - Os professores devem ensinar também, além ler, escrever, contar e desenhar, noções de economia doméstica e higiene através de elementos simples e familiares. Dessa forma, os alunos melhor conceberão estes conceitos, pois não serão apresentados como doutrinas, mas em certo modo nascerão das circunstâncias.

8º - Os professores devem conquistar a confiança dos pais de seus alunos para obter auxílio em suas intenções, mas ao mesmo tempo devem manter sua dignidade e independência. Em relação aos mais desafortunados devem mostrar benevolência.

9º - Os professores devem ser criteriosos na escolha das amizades e não tomar partido em desavenças nem em mexericos.

10º - Os professores devem preservar de se porem em dependência muito absoluta dos ministros da religião (em relação ao ensino religiosos).

11º - Deveres legais – sujeitam o professor especialmente ao governo.

12º - Propõe ao professor a confecção de um livrinho (documento) para cada aluno onde registraria quando entrou na escola, quando saiu, seu adiantamento, sobre seu temperamento, e o que puder interessar em sobre sua saúde.

13º - Os regulamentos das Escolas de Ensino Mútuo ordenam que os professores façam listas dos discípulos. Os professores que não tiverem adotado este método de ensino devem ao menos seguir este exemplo. Estas listas devem atestar freqüência dos alunos, mostrarem seu adiantamento nos diversos estudos, e aconselha o autor, que ajuntem notas particulares sobre as disposições e caráter de cada menino.

14º - Os professores ao mesmo tempo em que instruem, devem continuar se instruindo, sem interrupção.

15º - Os professores devem recorrer a algum amigo (próximo ou distante) quando estiverem em dúvida quanto suas resoluções.

16º - Os professores devem estabelecer conferências entre cada comarca para comparar modos de proceder e comunicar experiências individuais.

17º - Os professores devem limitar suas despesas de acordo com os seus rendimentos.

18º - Salas de Asilo – são escolas de criancinhas. Preparam o aluno que vem para suas escolas com melhores disposições.

19º - Fundação das Escolas de Domingo para os moços que já terminaram seu tempo na escola, para prolongar as relações que tiveram com o professor e ainda receber deles alguns conselhos.

20º - Não confundir as Escolas de Domingo com as classes de aperfeiçoar que tem um fim especial – destinadas a certo número de meninos que já andam na escola ordinária e aos que dela saíram a fim de dar maior grau de instrução aos alunos que desejarem, talvez não seja suficiente para alunos com maiores capacidades intelectuais, então, o professor poderá abrir para eles, no intervalo das lições ordinárias ou à noite, uma classe particular, reservada para esta ordem superior de ensino.

21º - São escolas destinadas aos adultos que na infância não puderam receber a instrução elementar. Os professores podem abrir um estabelecimento desta natureza para completar seu honroso ministério. Nestas escolas o ensino será mais rápido, acomodando-se a idade dos sujeitos.

22º - Os professores de primeiras letras não precisam formar oradores, mas devem formar sujeitos que saibam exprimir seus pensamentos, falar a sua língua e entenderem o que dizem. Para isto devem mandar seus alunos escreverem alguma composição cujas idéias sejam tiradas de suas leituras, suas relações habituais para que se acostumem a dar conta de suas idéias e a exprimi-las com clareza.

23º - se empenhar em fazer o melhor.

24º - Aconselha-se ao professor formar um círculo de leitura.

25º - Não basta saber escolher livro, mas também saber lê-los. Para ensinar esta arte aos discípulos: convém ler com atenção, refletir, comparar, classificar, resumir no próprio espírito, tirar de cada obra a substância que a encerra. Assim, devem os professores guiar os alunos a fazerem o mesmo, interrogando-os sobre o que tiverem lido.

Seguem as obras apontadas. Estando divididas em três partes:

1º - para uso pessoal do professor;

2º - destinada aos meninos que freqüentam suas escolas;

3º - só para adultos.

O Barão Degerando indicava para uso pessoal do mestre de primeiras letras a leitura das seguintes obras, compondo assim uma biblioteca:

- 1 – Obras que direcionem moralmente o professor;
- 2 – Obras que lhe dêem métodos de ensino;
- 3 – Obras que lhe dêem instrução sobre a ordem de conhecimentos, que possam fazer parte de seus estudos.

Há a indicação de dois livros:

- 1 – Tratado da Educação dos Meninos (Locke).
- 2 – Tratado d'Educação Pública considerada em suas relações com o desenvolvimento das Faculdades, adiantamento da civilização e atuais necessidades de França (M. Naville). – Obra completa, que bem mostra as relações da instrução e educação.

Sendo o professor casado e sua esposa professora de meninas, um livro é indicado para elas e que pode ajudar muito na educação de meninos também: Tratado de Fenelon sobre educação de Meninas.

Por último é indicado o *Manual do Professor de Primeiras Letras*. Que abrange, ao mesmo tempo, educação física, intelectual, moral e religiosa; contém lista de livros para uso do próprio professor e dos alunos. Numa palavra, é um verdadeiro manual.

Outro Manual indicado possui o mesmo título do anterior (*Manual do Professor de Primeiras Letras*). É tradução de uma obra alemã, publicada em 1824 e teve muita aceitação na Alemanha, Holanda e Bélgica. Será muito útil ao professor e nele poderá encontrar meios de melhorar os meninos e formá-los na virtude.

Quanto ao método de ensino sugere:

Systema de Ensino Mútuo.

CURSO NORMAL

PARA
PROFESSORES

DE

PRIMEIRAS LETRAS

OU DIRECÇÕES RELATIVAS A EDUCAÇÃO
PRIMEIRA, MORAL E INTELLECTUAL
NAS ESCOLAS PRIMARIAS,
PELO BARÃO DEGERANDO,

IMPRESSO POR ORDEM
DO GOVERNO PROVINCIAL DO RIO DE JANEIRO
PARA USO DOS PROFESSORES.

TRADUZIDO E AGGREGCENTADO COM UM APPENDICE DE LEIS GERAES E
PROVINCIAES SOBRE ESCOLAS.

PELO

Doctor José Candido de Azevedo e Silva,

Natural da Provincia do Pará, Dignitario da Ordem do Cruzeiro, Letreiro
que foi do Curso Juridico de S. Paulo, Membro das Sociedades Litteraria,
e Auxiliadora da Industria, Secretario da Provincia do Rio de Janeiro,
Deputado da Assemblêa Legislativa da mesma Provincia. Matri-
culado desde 23 de Agosto de 1819.

NITSZBOY.

TYPOGRAPHIA NITSZBOY DE M. G. DE S. REGO,
Praça Municipal.

1833.

5. Considerações finais

A partir do século XIX o método mútuo passou a ser referência na história da pedagogia e graças a ele a nação passou a se preocupar com a questão escolar. O que favoreceu que se ampliassem as perspectivas de desenvolvimento do ensino elementar.

O novo método foi introduzido através do método militar, e a aprendizagem era feita com rigor e disciplina. Em relação às práticas, trouxe inovações técnicas e instrumentais, como a utilização da ardósia, dos quadros de ensino, e do quadro-negro.

A escola mútua mostrou que os ritmos de aquisição e as diversas atitudes exigiram agrupamentos variáveis, diferentes e temporários. Instaurando-se assim, novas relações pedagógicas nas escolas e abordando a comunicação, em seu interior, por uma nova perspectiva.

6. Bibliografia

6.1. Referências Bibliográficas

CAMARA BASTOS, M. H. A formação de professores para o ensino mútuo no Brasil. In FARIA FILHO, L. M. & BASTOS, M.H.C. (orgs.). A escola elementar do século XIX – o método monitorial/mútuo. Passo Fundo, Ediupf, 1999, p. 238-269.

DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003. p. 47-101.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis, Vozes, 1983.

LESAGE, P. A Pedagogia nas escolas mútuas do século XIX. In FARIA FILHO, L. M. & BASTOS, M.H.C. (orgs.). A escola elementar do século XIX – o método monitorial/mútuo. Passo Fundo, Ediupf, 1999, p. 9-24.

VILLELA, Heloisa. O ensino mútuo na origem da primeira escola normal do Brasil. In FARIA FILHO, L. M. & BASTOS, M.H.C. (orgs.). A escola elementar do século XIX – o método monitorial/mútuo. Passo Fundo, Ediupf, 1999, p. 145-175.

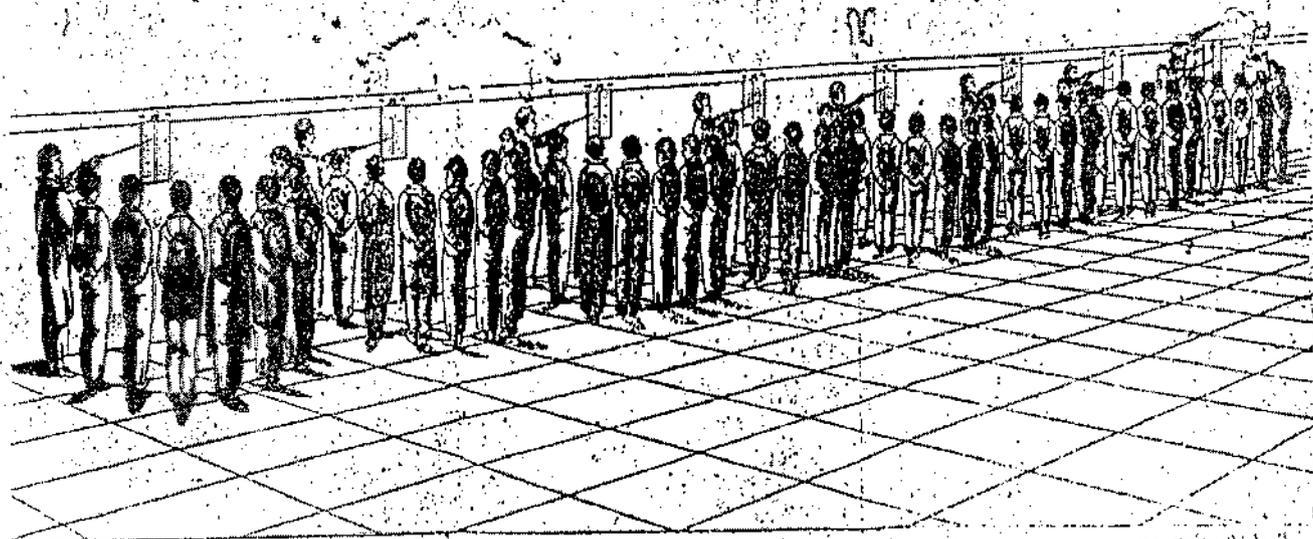
MANUAIS PEDAGÓGICOS:

- Systema Britânico de Educação Sendo um completo tratado de melhoramentos e invenções praticadas por José Lancaster, traduzido do original Ingles por Guilherme Skinner: Na Typ. De Viuva Alvarez Ribeiro & Filho, 1823.

- Castigos Lancasterianos. Em consequência da resolução do Exmo Conselho do Governo da Província de Minas Geraes mandados executar pelos mestres de 1as letras e de Gramática Latina. Ouro Preto: na Typografia de Silva, 1829.

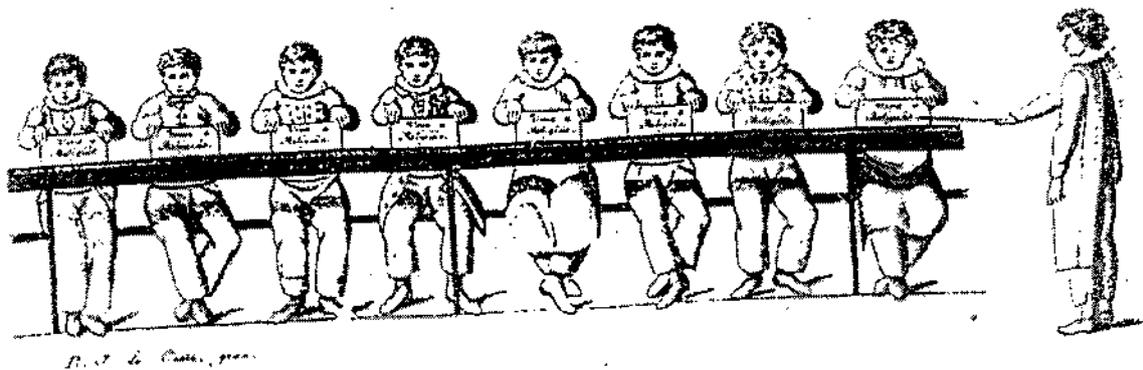
- Curso Normal. Para Professores de 1^{as} letras ou Direções Relativas a Educação Physica, Moral e intelectual. Nas Escolas Primárias, Pelo Barão Degérando, Impresso por ordem do Governo Provincial do Rio de Janeiro. Para uso dos Professores, Traduzido e acrescentado com um apêndice de Leis Geraes e Provinciais. Sobre escolas, pelo Dr. João Candido de Deos e Silva. Nictheroy. Typographia Nictheroy de M.G. de S. Rego, Praça Municipal. 1839, 421 páginas.

7. Anexos



Semicírculos de oito alunos com seus monitores – Decúrias e seus decuriões.

FRONTESPIÇO.



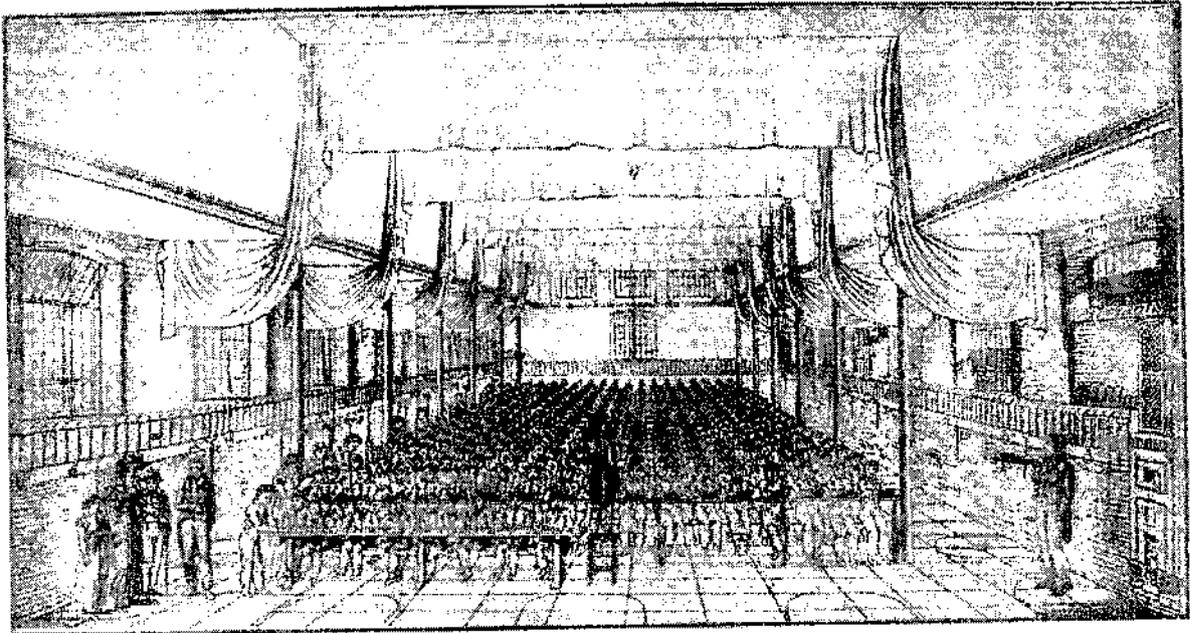
D. J. de Castro, grav.



Fig. N.º 2.

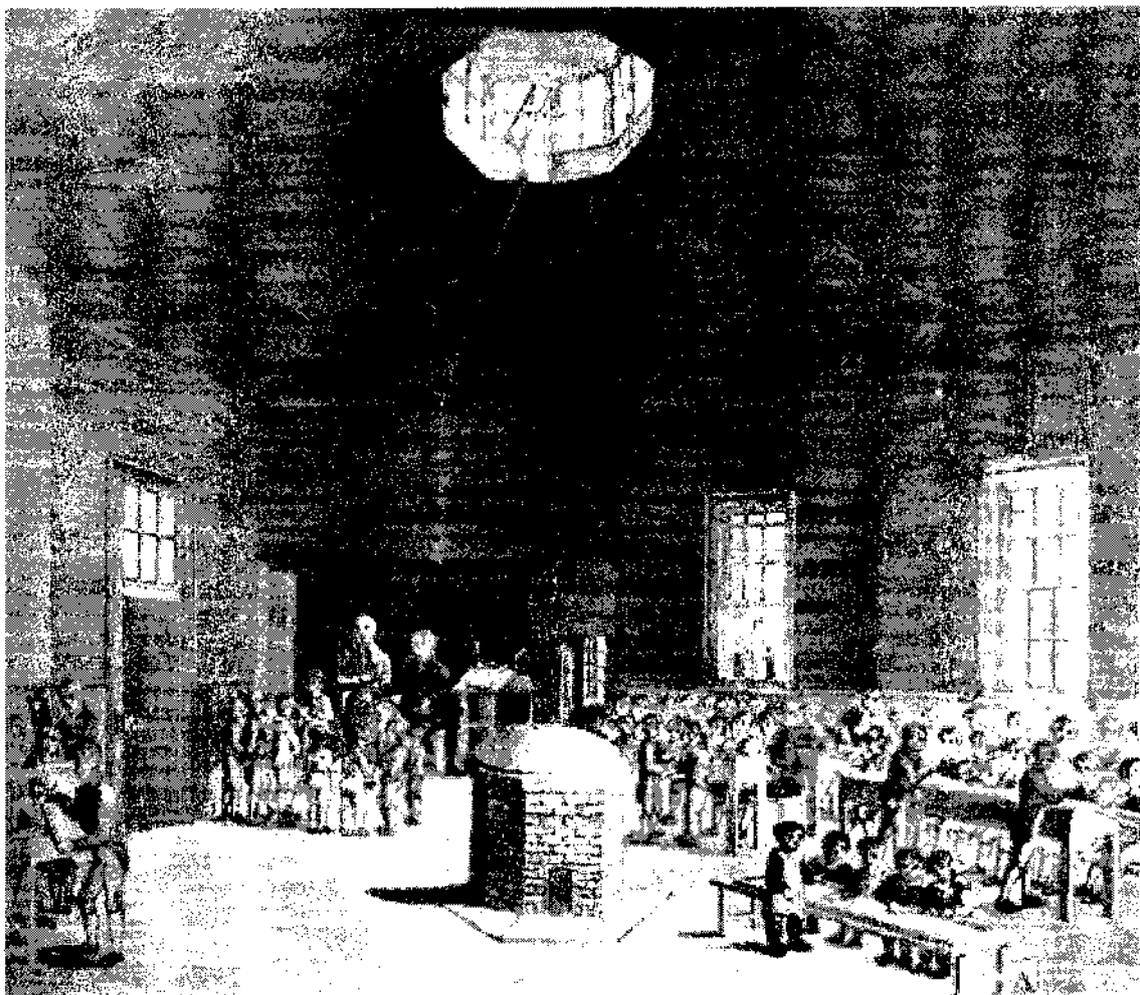
D. J. de Castro, grav.

Semicírculos de oito alunos, com o monitor passando a leitura.



Uma escola lancasteriana em funcionamento. A ilustração mostra 365 alunos sentados, com os monitores encostados, conforme um Manual da British and Foreign School Society de 1831 (Foto de W. Johnson. " 'Chanting Choristers': simultaneous recitation in Baltimore's Nineteenth Century Primary Schools", *History of Education Quarterly*, vol. 34, Nº 1, 1994).

(Dussel & Caruso, 2003, p. 155)



Alunos menores nas caixas de areia – primeiro plano, à direita